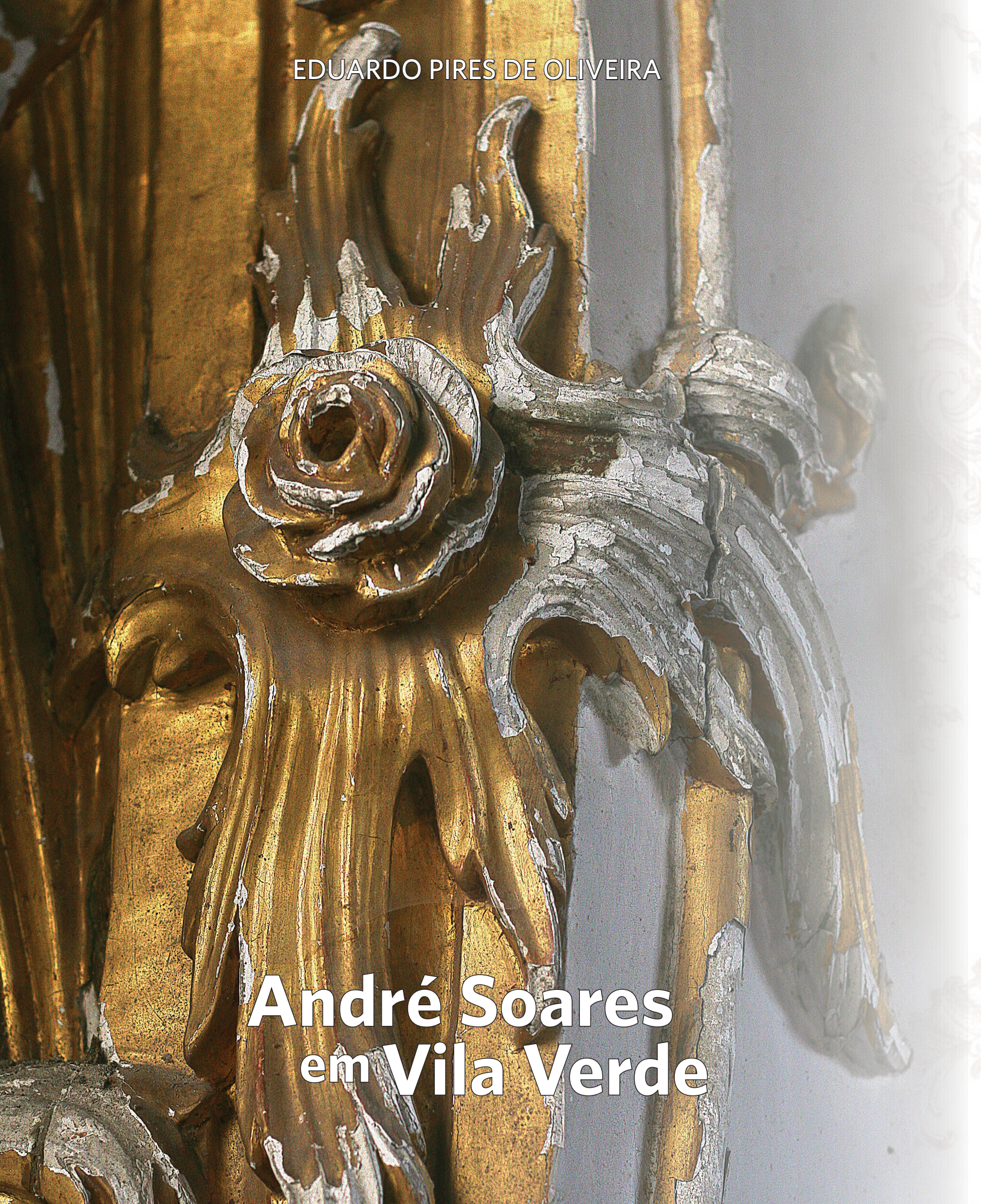




EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA

André Soares
em **Vila Verde**

EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA

André Soares em Vila Verde

Vila Verde
Município de Vila Verde
2016

Ficha Técnica

Título | André Soares em Vila Verde

Autor | Eduardo Pires de Oliveira

Prefácio | Júlia Rodrigues Fernandes

Fotografia | Luís Leite

Arranjo Gráfico | Terraimagem, Lda

Edição | Câmara Municipal de Vila Verde

Impressão | Gráfica Vilaverdense - Artes Gráficas, Lda

Tiragem | 700 exemplares

ISBN | 978-989-99066-2-4

Depósito Legal | 416566/16

PREFÁCIO

A obra que o Doutor Eduardo Pires de Oliveira agora nos apresenta é um importantíssimo contributo da maior relevância para o conhecimento e divulgação do nosso património artístico e cultural.

O Município de Vila Verde, consciente do valor destes trabalhos de investigação sobre o seu território, nas suas mais variadas vertentes, tem potenciado valiosas parcerias com reputados investigadores que muito têm contribuído para o enriquecimento, valorização e preservação do nosso património, criando dinâmicas culturais, turísticas e económicas que em muito contribuem para o desenvolvimento do Concelho e Região.

Dos nossos antepassados herdamos um legado memorável de que as nossas igrejas e capelas são disso um bom exemplo. No seu interior guardam verdadeiros tesouros artísticos e de devoção, elaborados por homens de enorme talento e grande sensibilidade. Destacamos os riquíssimos retábulos e retábulos-mor, preciosas lições da Bíblia, executados num período em que a maioria da sociedade portuguesa era analfabeta.

André Soares foi um dos grandes nomes do período barroco e o maior artista do rococó de toda a Península Ibérica e da Europa.

Filho de pai e avós paternos vilaverdenses, habitantes da freguesia de Parada de Barbudo, concelho de Vila Chã, hoje concelho de Vila Verde, legou-nos duas preciosidades: o retábulo-mor da igreja de Pico de Regalados e o retábulo da capela

dos Barbosas, também chamada capela de Santa Rita de Cássia.

Seu pai, que era um comerciante abastado, pertencia a uma das quatro mais importantes irmandades de Braga e era juiz da de Santa Cruz. Era um homem bem posicionado na sociedade bracarense e foi testamenteiro de uma tia, abastada, de sua mulher. Por consequência, o filho André Soares, não precisava de trabalhar para se auto-sustentar, deixando fluir a sua criatividade sem pressões de ordem económica.

O padre Lourenço Jácome, seu padrinho de batismo e irmão do abade João Jácome e do padre Francisco, do Pico de Regalados, terá sido quem influenciou André Soares para que fosse ele a fazer o risco do retábulo-mor da igreja de Regalados.

Eduardo Pires de Oliveira, não encontrando o documento escrito que ateste a adjudicação deste trabalho a André Soares, leva-nos numa viagem de pormenores e de comparações preciosas com outros retábulos do mesmo autor, não nos deixando margem para dúvidas quando à autoria do risco deste retábulo.

De igual modo, o autor faz uma incursão fascinante pelos manuscritos que deram origem à construção da capela de Santa Rita de Cássia, da casa do Paço dos Barbosas, sobressaindo as condições que teria de reunir para que a capela, particular, se tornasse uma realidade, segundo as

normas em vigor das *Constituições Sinodais* do arcebispado de Braga.

Eduardo Pires de Oliveira, para além de nos apresentar as belíssimas obras do arquiteto André Soares por todo o Minho e, mais especificamente e em pormenor no nosso concelho, caracteriza-o como um homem que *“tinha um prazer infindo em desenhar. A cabeça dele deveria fervilhar, a mão deveria estar sempre disponível para pegar no lápis, um pau de carvão, e deixá-la discorrer sobre folhas virgens”*. Quando lemos este trabalho e tendo presente a sua tese de doutoramento sobre André Soares, vem-nos ao pensamento que também ele, ao longo de mais de uma dezena de anos se dedica de corpo e alma, num trabalho incansável e, por vezes, muito solitário nas suas pesquisas

em milhares e milhares de documentos, guardados nos diversos arquivos e na visita a centenas e centenas de capelas e igrejas em território nacional e estrangeiro, em busca da obra e do Homem.

Agradeço este precioso contributo para Vila Verde e para as suas gentes! Que nas suas futuras incursões por André Soares desvende outros mistérios que a todos nos enriquecem e nos enchem ainda mais de orgulho da nossa terra.

Vila Verde, 24 de outubro de 2016



■ PALAVRAS INICIAIS

André Soares foi o maior vulto do rococó português e ibérico e um dos nomes mais importantes do tardobarroco e rococó europeu. A sua grande falha foi ter nascido em Portugal, num país periférico, e mais ainda, no Norte do seu país, longe da corte e dos poderes constituídos. Tivesse nascido na França ou na Alemanha; ou tivesse nascido ou trabalhado na área de Lisboa, na capital de Portugal, e hoje teria obras suas incluídas nos principais manuais de História de Arte europeia. Como consequência, a região onde nasceu, o Minho, beneficiaria do afluxo dos amantes das artes deste período que aqui chegariam de todo o mundo para a admirar.

André Soares é, assim, um nome a trabalhar e a fazer descobrir. André Soares é, assim, uma das pérolas ainda em bruto na Europa setecentista. É um diamante que uma vez descoberto não mais deixará de atrair e seduzir todos os que tenham sabedoria e bom gosto.

André Ribeiro Soares da Silva, ou mais simplesmente André Soares como ficou conhecido, foi um homem do Minho. As suas origens remontam a Parada de Barbudo, concelho de Vila Verde, terra do seu pai; e à cidade de Braga, terra da mãe. A sua área de actuação está espalhada por todo o norte de Portugal, de Braga a Viana do Castelo, de Lamego a Arcos de Valdevez, de Guimarães a Vila Verde, concelho onde parece que quis fazer um certo retorno no final da vida. Vila Verde para onde concebeu duas das suas últimas obras, o retábulo-mor da igreja matriz do Pico de Regalados e o retábulo da capela particular de Santa Rita de Cássia, na casa dos Barbosas, em Arcozelo.

Mas a sua obra não se reduz apenas a estes concelhos pois podemos vê-la também em Ponte de Lima, Amares, Penafiel e Esposende, tendo-se perdido em Vila Nova de Gaia, por incêndio, o melhor retábulo setecentista do Porto, no dizer de um cronista franciscano da época, frei Manuel da Mealhada¹.

Quero agradecer à Dr^a Júlia Rodrigues Fernandes, vereadora com o pelouro da Cultura na Câmara Municipal de Vila Verde, a aceitação total que deu a este projecto sobre a obra de André Soares em Vila Verde. Quero também agradecer à Dr^a Adélia Santos o desafio que me dirigiu para escrever este pequeno livro. Bem hajam pelo vosso interesse no conhecimento de André Soares, repito, o nome maior dos dois mil anos de Arte no Minho.

Agradeço ainda ao Dr. Luís Leite pelo cuidado posto nas fotografias e à Terraimagem, pelo grafismo que concebeu para este livro. E não menos importante a quem me abriu as portas dos dois templos, o Dr. José Pinto, na igreja matriz do Pico de Regalados e a Dr^a Maria João Gagliardini Graça, na capela de Santa Rita de Cássia, da sua casa dos Barbosas, em Arcozelo.

A todos muito, muito obrigado.

Braga, Pico de Regalados, Arcozelo e Vila Verde

1 a 10 de Setembro de 2016



¹ MEALHADA, Manuel da – *Coronica da Provincia da Soledad da mais estreita observancia no Reyno de Portugal*, Tomo 2, p. 455 [MS da Biblioteca Municipal do Porto. Cota: Conde de Azevedo, 1].

Asseguranças, e custando o escotismo sobre cada um
se venha por mayor numero de foyes brancas, que podiam
mandar foyes escripturas na Rota Geral desta foye
caso não haver mais q. d'essa nesta hora se ouve
por foye este termo feito por mim Secretario Andre
João Soares da Sylva, foyes com os mais de
Gerao. *Andre Jo. Soares da Sylva*
Andre Jo. Soares da Sylva
Andre Jo. Soares da Sylva
Termo de dno. apuro, q. i. deu as d. e. Felix
da Silva e com a caliznou a escriptura.

Foi nove dias do mes de Março de Mil e Sete Centos
 sessenta e nove annos. Nesta Contradição, digo nesta sa-
 christia da Contradição do Sr. da 1.ª Primação de
 de Custumado. fazer as mesmas p. a sua bona admi-
 nistração. Precedendo o M.º João de Sousa e
 Pedro de Mattos Comigo Secretário Andre Pôr-
 tugal da Silva e os mais de mesma a. aver ouida
 da fazenda João. Fernandes de Albuquerque. Primo.
 e Procurador. Antonio Mont. Salgado e Manoel
 Dias de Sousa, Mordomos. Antonio Fernandes de
 Silva e Domingos Francisco, e hi appareos Preuete
 o P.º P.º Felix Fraz. da foga. de S. Jeronimo Subur-
 vivo desta Cid. e seus fiadores João da Silva
 mercador de fumo, e Felix Vieira auiver, ambos
 da foga. dita de S. Jeronimo, e Com elles o Escri-
 va. da Notta Geral, e por elle foy lida Nesta
 mesma a escriptura de Noventa e Seis mil. reis,
 a veras de cinco por cento, e em virtude da mesma
 escriptura o Nosso Thesour. deu, e Contra elle

■ VIDA DE ANDRÉ SOARES

A vida de André Soares tem início em Vila Verde e em Braga. Seu pai, João Soares da Silva, nasceu em Parada de Barbudo, no então concelho de Vila Chã, hoje Vila Verde. Os seus avós paternos foram Francisco Soares e Esperança Francisca; viviam nesta freguesia, no lugar da Granja. Conservar-se-á ainda hoje a sua casa? Não sabemos; é que ali havia imensos Soares, o que torna muito difícil a identificação.

A mãe, Isabel Ribeira, era da zona da Sé, Braga; os avós maternos também eram daí.

Não se conhecem as razões que levaram João Soares da Silva a vir viver para Braga; e também nada se sabe sobre a sua fortuna, sobre o que permitiu que viesse a ser comerciante e a possuir uma loja numa das zonas comerciais mais interessantes da cidade, a então Porta do Souto, hoje Largo do Barão de S. Martinho.

João Soares da Silva era uma pessoa bem cotada pois foi padrinho dos filhos de vários colegas seus. Além disso, pertenceu a várias irmandades, vindo a ser escolhido para juiz da de Santa Cruz, então uma das quatro mais importantes de Braga, uma cidade que então tinha 62 irmandades e confrarias; corria o ano de 1749. Nesta irmandade, na sua lista podia ver-se, como secretário, o nome de João Duarte Faria, um dos homens mais ricos da cidade, o homem que alguns anos mais tarde mandaria construir o Palácio do Raio.

Na sua família também deveria ser bem considerado pois foi escolhido, embora em segundo lugar, como testamenteiro da tia de sua mulher

e madrinha do seu filho André, Vitória Francisca.

Viria a morrer em 25 de Setembro. Amortalhado com o hábito de S. Francisco, o seu corpo esteve depositado na igreja de S. Francisco dos Terceiros, perto da sua casa. Foi depois acompanhado à sepultura, nos claustros da Sé Catedral, pela irmandade de N^a S^a dos Prazeres, da igreja dos Jesuítas.

Após a sua morte, a família mudou de casa, passou a viver na zona da Sé, na então rua de S. Miguel -o-Anjo, hoje rua Visconde Pindela, curiosamente num edifício situado ao lado daquele onde vivia o seu padrinho, o padre Lourenço Jácome. Este era irmão do reverendo João Jácome, abade de Salvador de Donim², Guimarães, e do padre Francisco Jácome, abade do Pico de Regalados que, muito possivelmente, iria ter influência na escolha de André Soares para o risco do retábulo-mor da sua paróquia como mais adiante analisaremos.

A mãe de André Soares morreu sem testamento no dia 27 de Junho de 1762. Foi também sepultada nos claustros da Sé, quiçá ao lado do marido.

André Soares teve um irmão e quatro irmãs. António, nascido em 13 de Outubro de 1716, seguiu a carreira eclesiástica. Também foi tocado pela arte pois foi o autor do desenho do retábulo-mor da igreja matriz da freguesia de Caldelas, Amares. Sobreviveu um ano ao irmão.

2 ADB. Inquirição de genere 1257. Visitamos a igreja de Donim. Não encontramos nada que nos possa remeter para a arte de André Soares.

Andre

Aos tres dias do mes de Dezembro
de mil e setecentos e vinte annos
nesta fgreja de San Joao do ou-
tto eu Padre Custodio de Arantes
Coadjutor della Satizei e os santos
Ocios a Andre filho de Joao So-
ares da fgreja, e de sua mulher
Isabel Ribeiro da rua do outro
maes a oitenta dias do mes de
Novembro da dita era e anno assi
ma foram padrinhos Padre Lou-
renço Salome da rua de San Mi-
guel e Anjo, e Victoria Francisca
mulher de Thomas Ferreira da
rua nova de Souza freguezia da
se foram testemunhas Gregorio
Mendes e Manoel Dias Guina-
raes ambos da rua do outro queto-
dor a minar em se de que fôr es-
te assento que assinei dia mes e
anno ut supra

Coadjutor Padre Custodio de Arantes
D. Joao Salome Gregorio Mendes
Manoel Dias Guimaraes

André Soares
Tem feito
o testamento
o testamento
 Assunto e se diz domes de cello embro do anno
 de mil setecentos e cinquenta e nove faleceu André
 Soares morador na Rua de São Miguel e testou o seu
 testamento da Petram auno e foi depositado na
 Capela de São Miguel e de São João, aonde teve o officio
 de Cozeiro e preboste de trinta e duas e alem d'isto
 e de testamento em a luvania e com a mesma foi a
 comprada do com a sua irmã da de para a luvania
 do de Santo e de mar da de a onde foi sepultado
 e foi inchoado nas vestes de S. João e de S. João e a luvania
 e na o testamento de que se fez e a luvania
 e a luvania e a luvania e a luvania e a luvania

Assento de óbito de André Soares

Das irmãs resta pouca memória: Antónia, a mais velha, nasceu em 22 de Junho de 1712 e faleceu com 21 anos. Maria nasceu em 17 de Dezembro de 1713; mas deve ter falecido logo pois não há mais rasto dela. Apolónia nasceu em 9 de Fevereiro de 1724 e faleceu em 8 de Março de 1808; nada se sabe dos seus gostos ou capacidades artísticas, excepto que ofereceu uma imagem de Santa Rita, em barro, à capela de S. Miguel-o-Anjo, localizada perto da casa onde habitavam.

Em 13 de Abril de 1737 André Soares pediu uma *Inquirição de genere*³ para poder seguir vida eclesiástica. Mas por razões hoje desconhecidas não foi além de ordens menores.

De resto sabe-se que andou à volta da sua arte e de melhorar as condições de futura subsistência da sua irmã o que, convenhamos, é muito pouco.

Mas há ainda um facto curioso e que seria determinante: tem a ver com a forma como passou a escrever o seu nome:

A mãe, Isabel Ribeira, tinha um tio, Francisco Ribeiro da Silva, que foi sargento-mor, e que era muito rico. Entre os seus bens, e como não podia deixar de ser nesta data, havia dinheiro de origem brasileira⁴. Em 6 de Abril de 1755, Francisco Ribeiro da Silva fez testamento. Nele deixava a Isabel uma quantia imensa, cinco contos de réis, com obrigação de ficarem vinculados num morgadio

3 ADB. Inquirição de genere de André Ribeiro Soares da Silva, Pasta nº 204, processo nº 44348. [*Inquirição de genere de André Soares*], fól. 1.

4 OLIVEIRA, Eduardo Pires – *Minho e Minas Gerais no séc. XVIII*. Braga, Autor, 2016, p. 227.

Inoss. Al. Dr. Lirica. D. naq. em l. 18. de
 Da 13. de Abril 1737
 D. naq.

Lm. Sr.

Diz André Soares da Silva filho legítimo de João
 Soares da Silva e sua m.ª Izabel Ribeiro moradores na Vila
 do Souto freg. de S. João do Souto desta Cidade que elle
 está admetido admette por D. N.ª como oposto da petição m.
 Cruz, e G.ª e sua de.ª habilitado de genitor sem seu irmão
 legítimo Antonio Soares da Silva com ordens de Curitiba, a qual
 foy também habilitado por D. N.ª e sua de.ª que D. N.ª
 e sua am.ª de o admette ajustando adito fraternidade.

Antefique.

Rm.

D. N.ª. Seigne. com o f.º ajustando
 com fraternidade d.º d.º seu irmão.

E. B. M.

Inquirição de genere
 de André Soares

que de Isabel Ribeira passaria para o filho André e dele para a sua irmã Apolónia. Ou seja, dinheiro não faltava em casa.

Além deste dinheiro do tio deveria haver ainda o que lhes deixara o seu pai. Sabe-se, por exemplo, que na sua qualidade de gestor da fortuna da família, André emprestou a enorme quantia de 3.000 cruzados, ou seja, 12 contos de réis, ao reitor do colégio dos jesuítas bracarenses a um juro de apenas 2%, em 22 de Janeiro de 1758. Viria logo a perder este dinheiro em 1759 devido à expulsão desta congregação religiosa. Isso, contudo, não o impediu de continuar a comprar terras para acrescentar ao vínculo da irmã.

Foi com este dinheiro que André Soares viveu pois tirando um pequeno cargo que teve como ecónomo da capela de Santo António do Campo dos Touros, em 1738, recebeu apenas uns agradecimentos pontuais, traduzidos nuns presuntos, nuns cortes de tecidos, na entrada gratuita para três irmandades, pequenos valores em dinheiro, totalizando apenas 41\$700 réis, ou, ainda, uns mimos... e isto quando não concebia as obras *por sua devoção*. Ou seja, nada que lhe desse para viver!

Teoricamente, André Soares deveria assinar primeiro o apelido do pai e só depois o da mãe, como ainda hoje fazem os espanhóis, por exemplo. Mas não. Se virmos a sua assinatura constataremos que ele colocava os apelidos ao contrário, André Ribeiro Soares da Silva. Poderá parecer estranho mas há uma boa razão para isso: o tio Francisco era solteiro e sem filhos e temia que o nome de família desaparecesse. É certo que a irmã Catarina já tinha geração, uma filha e dois

padres, o que teoricamente poderia assegurar a continuidade geracional caso a filha casasse e viesse a ter continuidade. A irmã Isabel tivera três filhas e dois filhos, também ambos padres; as hipóteses de continuidade do nome recaíam sobretudo em Apolónia, pois das suas irmãs a mais velha morreu com cerca de 20 anos e a seguinte deverá ter falecido ao nascer.

Não era fácil: Apolónia era mulher, o nome desapareceria na geração seguinte, caso viesse a ter filhos. Mas nem isso aconteceu pois Apolónia morreu solteira. O tio Francisco, como é natural, não viria a saber disso pois deve ter falecido em 1755, data em que redigiu o testamento. Apolónia faleceu em 1808.

A solução que encontrou assegurava-lhe uma continuidade mínima. Na parte final do seu testamento deixou estabelecido

... que todo o administrador de cada hum destes morgados uzem infalivelmente do meu sobre nome // Ribeyro // em primeyro lugar, penna de privação do morgado que passara // fól. 5 // que passara ao emediato sussessor...

A pena era muito grave. Por essa razão, André, que sucedeu à sua mãe no morgadio, mudou o nome de André Soares da Silva Ribeiro para André Ribeiro Soares da Silva. E foi assim que assinou, por exemplo, o *Mappa de Braga Primas*, que deverá ter sido desenhado em finais de 1755 ou inícios de 1756.

Com apenas 48 anos, André estava bastante mal de saúde. Contraíra uma doença que não se consegue identificar, quicá tifo exantemático, pois

sabe-se que houve uma epidemia dessa doença na altura do seu falecimento. Morreu sem testamento no dia 26 de Novembro de 1769, com 49 anos (nasceu em 30 de Novembro de 1719, foi baptizado em 3 de Dezembro na igreja de São João de Souto, Braga). Meses depois faleceu o seu irmão António (18 de Junho de 1770).

Dizemos hoje que 49 anos é uma idade muito curta para se morrer. Mas não era assim naqueles tempos, embora houvesse quem tivesse um período de vida muito mais longo, como foi o caso do grande escultor e entalhador Marceliano de Araújo que nasceu cerca de 1689 e morreu em 1769, no mesmo ano que André.



ANDRÉ SOARES

SMITH, Robert - André Soares. Arquitecto do Minho. Lisboa: 1973.

André Soares da Silva

■ MEMÓRIA CRÍTICA DE ANDRÉ SOARES

Pode dizer-se que a memória histórica existente sobre André Soares é muito curta. Paradoxalmente, foi um dos homens das artes mais admirados na Braga do seu tempo. Inácio José Peixoto, que foi, muito possivelmente, a pessoa mais arguta de Braga na segunda metade do século XVIII, escreveu esta frase lapidar:

*Na Architectura e Desenho depois de Andre Soares, ficou com os maiores creditos Carlos Jose Amarante...*⁵

Por razões que se desconhecem, seguiu-se um vazio absoluto à morte de André. De homem altamente cotado passou a desconhecido. Durante o século XIX e primeira metade do seguinte ninguém falou dele. Quem vinha a Braga e ao Minho admirava os edifícios da Câmara Municipal, o palácio do Raio, a capela de Santa Maria Madalena da Falperra e outros em Braga, ou o imenso retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do convento de São Domingos, em Viana do Castelo. Admirava, admiravam mesmo muito. Mas não se sabia – nem se tentava saber – quem tinha sido o seu genial autor.

Em 1956, um inglês, Jonh Bury, querendo conhecer a arte de Minas Gerais seguiu o caminho que já fora traçado poucos anos antes por Germain Bazin e veio a Portugal para conhecer as origens. Como seria expectável, deteve-se muito particularmente no Minho e não teve a menor dúvida que era aqui que estava a origem da arte

setecentista existente naquele estado brasileiro. Publicou, então, um artigo que muito justamente intitulou *Barroco tardio e rococó no Norte de Portugal* que, porém, não teve repercussão em Portugal, em que identificava o nome de quem tinha projectado o edifício da casa da Câmara de Braga. Infelizmente, só muito, muito mais tarde, em 1991, é que esse estudo veio a merecer a devida divulgação entre nós; curiosamente não através de uma versão traduzida e publicada em Portugal, mas sim em São Paulo⁶.

Em 1958, numa pequenina publicação monográfica sobre a Falperra, Braga, Leonídio de Abreu deu a conhecer o nome de André Soares, dizendo -o autor desta maravilhosa capela, de planta heptagonal. Mas o autor interpretou mal pois julgou que Soares concebera a capela toda.

O verdadeiro ponto de partida para o conhecimento de André Soares foi, porém, dado em 1973 por Robert Chester Smith, um americano, professor na Universidade de Filadélfia, com o seu pequeno livro intitulado *André Soares, Arquitecto do Minho* onde publicou não só um estudo sobre a sua obra⁷ como, também, fez um primeiro in-

5 PEIXOTO, Inácio José – *Memórias particulares de...* Braga: Arquivo Distrital de Braga, 1992, pág. 80.

6 BURY, Jonh – *Journal of the Society of Architectural Historians*, 15 (3), Out. 1956. Republicado em *Arquitectura e arte colonial no Brasil Colonial*. São Paulo, Nobel, 1991, p. 136-153.

7 SMITH, Robert C. – *André Soares. Arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

ventário. Curiosamente, no ano anterior, Smith já publicara um longo capítulo no livro que dedicou a outro dos mestres bracarenses do rococó, Frei José Vilaça, que colocou como discípulo de André. Por muito estranho que possa parecer, este texto é bem mais interessante do que o que sairia em edição independente⁸!

A partir destes dois estudos, a comunidade científica portuguesa, e muito particularmente a da história de arte, passava a ter material para poder conhecer com alguma extensão o genial criador bracarense. O nome muito conceituado de Robert Smith também foi determinante para lhe reconhecer o mérito que indiscutivelmente tinha.

Naquele ano de 1973 o nome de André Soares ultrapassou fronteiras. É certo que Smith já o dera a conhecer com pequenos artigos que fora publicando nos Estados Unidos. Mas nesse ano soube interessar a Câmara Municipal de Braga a patrocinar um grande congresso internacional que foi em grande parte organizado por Flávio Gonçalves, professor na Escola de Belas Artes do Porto, então um dos investigadores portugueses mais conceituados em Portugal no que dizia respeito ao Barroco e ao Rococó.

As actas deste congresso foram publicadas em três volumes, o que nos dá conta do enorme interesse que mereceu da comunidade científica, não só de Portugal mas também do Brasil, Estados Unidos, Espanha, França, etc. Pode dizer-se que com a vinda de muitos investigadores que pu-

deram ver *in loco* a arte do Mestre e com estes volumes, André Soares passou a ser minimamente conhecido pelos principais nomes da comunidade científica da História de Arte (Barroco e Rococó) em todo o mundo. Foi um passo importantíssimo, fundamental mesmo; mas havia ainda imenso trabalho a continuar.

Robert Smith era um investigador extraordinariamente voluntarioso e senhor de um olhar extremamente perspicaz; além disso, era também um excelente fotógrafo. Tinha uma escrita fluente, límpida e, curiosamente, por vezes barroca. Infelizmente, quando pegou no estudo da personalidade de André Soares e no do conhecimento da arte do século XVIII no Minho estava ainda tudo por fazer.

O seu amigo e colega Flávio Gonçalves também possuía um olhar extraordinário, o que motivou um frutuoso diálogo entre ambos. Infelizmente, repita-se, o trabalho de arquivo e de campo estavam praticamente virgens. E, o que é pior, após aquele ano de 1973 ninguém continuou com estes estudos porque Smith faleceu em 1975 e Flávio Gonçalves em 1987.

A partir da morte destes dois estudiosos, e durante muito tempo, não houve qualquer investigação sobre este tema em Portugal. Sim, nenhum outro investigador português deu continuidade a estes estudos! Como resultado, tanto os professores universitários como os autores de manuais de História de Arte deixaram em suspenso o conhecimento do barroco e do rococó do Minho pois continuaram a apenas utilizar a investigação que fora produzida na década de 1970.

A revisão do conhecimento da obra de André Soares começaria apenas em 1990 com a publi-

8 SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça: es-
cultor beneditino do século XVIII*. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste
Gulbenkian, 1972.

cação de um trabalho de Manuel Joaquim Moreira da Rocha sobre a capela de Santa Maria Madalena da Falperra⁹, que demonstrou que naquele templo, no que respeitava à arquitectura, apenas a fachada pertenceria ao grande Mestre. Mais tarde o mesmo autor viria a entregar-lhe duas novas obras, uma correctamente, as portas de madeira da igreja dos Terceiros (Braga) e a outra sem razão, o retábulo-mor da igreja matriz da freguesia de Caldelas (Amares), pois o documento notarial lavrado para a sua construção é muito explícito ao indicar que o desenho fora da lavra de António Soares da Silva, o irmão de André Soares¹⁰.

Posteriormente, no ano 2000, nós próprios fizemos uma análise global do trabalho de Robert Smith sobre Soares, retiramos algumas obras às que lhe tinham sido atribuídas e acrescentamos outras¹¹. Nos anos seguintes continuamos a nossa investigação e fomos acrescentando uma ou outra obra até que em 2012 apresentamos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto uma tese de doutoramento intitulada *André Soares. Arquitectura do Minho*¹² onde fizemos uma revisão exaustiva da sua vida e obra, quer do ponto de vista documental, quer formal. Esta tese foi de imediato deixada em livre acesso no Repositório Aberto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Foi nesta dissertação que pela primeira vez se propôs ao público e à comunidade científica a autoria de duas novas obras do Mestre na área do concelho de Vila Verde. Referimo-nos ao retábulo-mor da igreja paroquial de S. Paio do Pico de Regalados e o retábulo da pequena capela de Santa Rita de Cássia, na casa dos Barbosas, freguesia de Santiago de Arcozelo.

Após a defesa da tese publicamos vários textos sobre o Mestre, uns de divulgação e outros de aprofundamento que reunimos num volume que foi publicado no presente ano de 2016¹³.

Em 2014, Raul Cristóvão Sampaio Lopes apresentou na Sorbonne a sua tese de doutoramento *Le rococo minhoto. L'art dans la province de Braga dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*.

Curiosamente, a arte de André Soares tem recebido boa atenção na literatura pois deu origem a dois romances:

Em 1996, Maria Adelaide Valente escreveu *O sorriso do anjo* que teve como fonte de inspiração a figura de André Soares¹⁴.

No início do próximo ano de 2017 irá ser lançado um outro romance, uma espécie de biografia humanizada da vida do Mestre. É seu autor Francisco Silva, e terá como título *Viver com André Soares. Criador de arte, Desenhador de poemas*.

9 ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – A Capela de Santa Madalena do Monte da Falperra de Braga à luz da documentação notarial. *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 5, 1990, p. 231-269.

10 ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – A propósito de André Soares e do rococó – Nótulas para a revisão de um processo. *Portugália*, Porto, 17-18, 1996-1997, p. 283-292.

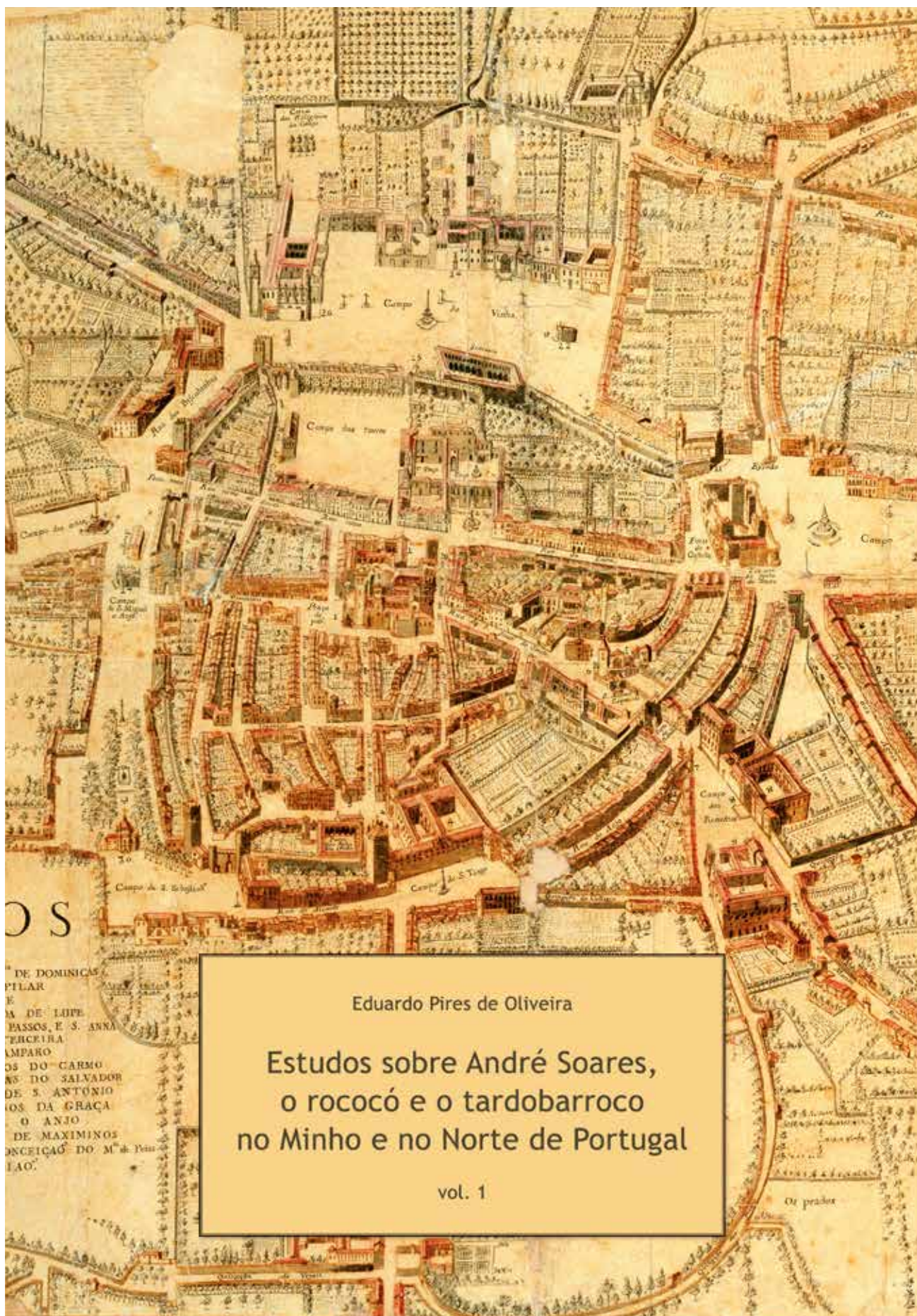
11 OLIVEIRA, Eduardo Pires de – Robert Smith e Braga. In *Robert C. Smith: A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 234-251.

12 *André Soares e o rococó do Minho*. 4 vols. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2012. Acessível em <http://hdl.handle.net/10216/62456>.

13 *Estudos sobre André Soares, o rococó e o tardobarroco no Minho e no Norte de Portugal*, vol. 1. Braga, Autor, 2016, 335 p.

14 VALENTE, Maria Adelaide – *O sorriso do anjo*. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1996.







■ A ARTE DE ANDRÉ SOARES

Como vimos atrás, André Soares não precisou de trabalhar para viver pois tinha a vida resolvida do ponto de vista económico. Há outra questão que é nele fundamental: onde é que fez a sua formação, onde é que aprendeu a desenhar, a conceber obras em que mostrava possuir uma sensibilidade extremamente diferente daquela que então corria em Braga e Portugal?

A resposta é dupla: uma tem origem nele, na sua intuição, na capacidade de olhar e perceber o que via. A outra reside na personalidade de D. José de Bragança, na vontade de impor novidades ao chegar a Braga.

Olhando a arte de André Soares, parando a observar cada pormenor, percebermos que há uma série de apontamentos concebidos ou executados por outros artistas em que ele se foi inspirar. Nada mais natural, ninguém se faz absolutamente por si próprio, todos devemos alguma coisa aos outros.

Vejamos um exemplo que é tão interessante para a arquitectura como para o urbanismo: sempre que podia, André Soares colocava os seus edifícios num ponto elevado em relação à rua ou praça em que se inseria (Antigo Paço Arquiepiscopal de Braga; Capela de Santa Maria Madalena da Falperra; Igreja da Lapa, Arcos de Valdevez; Igreja dos Santos Passos, Guimarães). É certo que a origem pode ser encontrada em vários tratados de arquitectura. Mas em Braga há um exemplo em que esse destaque é muitíssimo visível: é a igreja de São Vítor. A primitiva igreja românica desta paróquia estava colocada a uma cota bem mais

baixa; a actual foi implantada sobre uma grande elevação de terra, artificial, de forma a ser vista desde a Arcada, local que estava em vias de vir a ser o novo centro económico e social de Braga.

No que respeita ao novo arcebispo, um homem de sangue real, irmão bastardo do rei D. João V, que veio para Braga em 1741, tudo é muito diferente. Aqui chegado, o arcebispo-príncipe quis mostrar que não era como os demais: ele tinha sangue real! Quase de imediato pensou em construir um palácio novo, embora nas traseiras dos seus antecessores, mas voltado para uma praça (actual praça do Município) a que deu nova vida, tornando-a na mais importante da cidade.

Não contente, D. José resolveu fazer as coisas bem diferentes, introduzir um gosto novo, o rococó, o que deveria conhecer pois gostava de passar algum tempo a exercitar-se na arte de desenhar. Embora não se encontrem notícias de gravuras de Augsburg ou Paris na sua biblioteca – gravuras de novo gosto, com obras em que a assimetria dominava –, elas já existiam em Braga: no arquivo da paróquia suburbana de S. Pedro de Merelim encontramos num livro datado de 1738, os *Estatutos* da Confraria do Subsino, uma destas gravuras, impressa em Paris por Poilly. Gravura que não foi então compreendida pois não existia ninguém em Braga com capacidade para a entender.

Ao escolher André Soares para desenhar o seu palácio, o arcebispo deverá, também, tê-lo instruído no novo gosto. Sendo um espírito curioso, é natural que Soares tenha aderido às ideias

que lhe estavam a ser propostas. A verdade é que também não tinha outra alternativa se queria continuar a trabalhar com D. José porque nunca poderia discutir com um homem que era altivo e que era em simultâneo o senhor religioso e temporal de Braga e sua arquidiocese.

De início o rococó entrou pontualmente, como se viu nesse palácio, em que a planta é ainda barroca – um U tímido, algo que se vira, por exemplo, na Casa de Infias – e as janelas no último piso são de desenho joanino. Os motivos de gosto rococó são ainda muito pontuais, quase parecendo pequenas peças que foram colocadas como se fossem colagens, para parecer que já se estava a querer aderir a esta sensibilidade.

André Soares compreendeu bem a ideia. Tanto que logo irá explodir em obras que se consagram ao novo gosto, casos do Palácio do Raio e da capela de Santa Maria Madalena e sobretudo da Casa de Fresco do palácio arcebispal e que hoje está na mata do santuário do Bom Jesus do Monte. Estes dois edifícios podem não ter uma planta ou uma luz rococó: mas a sua “vestimenta”, os motivos decorativos que envolvem as portas, as janelas e mesmo alguns dos panos murários dos edifícios são obras em que se vê uma sensibilidade rococó. De tal forma que pode mesmo dizer-se que o palácio do Raio é o mais belo edifício português com este gosto e um dos mais interessantes da Europa.

Outra questão que tem de se ter em atenção é o preço que estas obras poderiam custar. Além disso é muito difícil classificar todos os múltiplos motivos decorativos que foram aplicados: são arquitectura ou escultura? Ou são escultura que embeleza e dá outro sentido à arquitectura? A

resposta é difícil mas parece-me que são as ambas as coisas porque são interdependentes.

Voltando, porém, à questão do preço é fácil dizer-se que estes edifícios devem ter sido muito caros não só porque exigiam um tempo bem mais longo para serem construídos como implicavam que alguns artistas fossem especializados.

Terá sido por essa razão que a obra seguinte de André Soares, a Casa da Câmara de Braga, foi feita com um novo desenho, muito mais simples, em que vive apenas da linha e não do ornato? É bem possível pois é sabido que a Câmara Municipal não tinha arcaboço económico suficiente para construir o edifício. A documentação conhecida ensina-nos que foi necessário pedir dinheiro emprestado a duas entidades, curiosamente ambas dependentes do arcebispo: o Santuário de Nossa Senhora de Porto de Ave, Póvoa de Lanhoso, e o Conservatório do Monte das Penas, em Braga. Mas a razão também pode ser outra: estruturalmente André Soares era um homem do barroco, melhor, do tardobarroco dado o período em que viveu. O novo desenho do edifício da Câmara Municipal estava assim muito mais próximo da sua sensibilidade.

E tanto foi assim que a partir desta obra a sua arte cindiu-se: a arquitectura seguiu pelos caminhos do tardobarroco, aqui e ali pontuado por um ou outro ornato assimétrico. Em contrapartida, a talha continuou no seu horizonte, talvez porque é mais simples e mais económico trabalhar a madeira. Desta forma, André Soares tornou-se um homem de sensibilidade dupla, que usou dois gostos, o do tardobarroco na arquitectura e o do rococó na talha.

Mas seria mesmo assim? Que era um homem que assumiu de forma tão veemente estes dois



Gravuras de Habermann

estilos? Ou apenas gostava de um (tardobarroco) embora também tivesse sensibilidade para fazer as coisas de outra forma (rococó), de maneira a parecer que as obras realizadas neste gosto pertenciam claramente ao novo estilo?

A resposta a esta questão pode ser plenamente respondida em Tibães, na talha que desenhou para a igreja do mosteiro. Em 1754, por várias razões, sobretudo de ordem litúrgica, os monges resolveram ampliar muito a capela-mor. Na obra nova aproveitaram para colocar janelas imensas, o que permitia entrada de fortíssimos jorros de

luz, o que é, sem dúvida, um gosto muito caro à sensibilidade rococó.

Os monges, porém, queriam reformular a igreja, o que não podiam fazer porque a parte da nave estava colada, do lado sul, à zona conventual. A resposta, portanto, não podia passar pela arquitectura.

A solução encontrada foi muito simples: recobrir toda a nave com sanefas e molduras de gosto rococó, seja nas janelas, seja sobre as capelas reentrantes. Os púlpitos, porque destacados da parede e avançados sobre o espaço da nave, permitiam salientar de uma maneira muito forte

este gosto. Para o transepto desenhou dois retábulos. Para a capela-mor concebeu um magnífico e imponente retábulo; já as suas janelas foram envolvidas em molduras imensas e fantásticas, sobretudo nas conchas que servem de terminal à parte inferior. Como remate, toda esta talha foi inteiramente revestida com folha de ouro.

Ora, se é certo que todas estas peças são, isoladamente, de gosto rococó, assimétricas até mais não, o conjunto em si é decididamente barroco: é barroco pela ocupação intensa do espaço, é barroco pelo uso imoderado do ouro.

O gosto rococó puro não existe em Tibães: se visitarmos dois dos expoentes do rococó da Baviera, as igrejas dos santuários de peregrinação de Wies e de Birnau, veremos que ali o elemento dominante na arquitectura é a luz. Depois admiraremos as cores que são muito leves, rosa claro ou azul-bebé. O ouro foi apenas utilizado de forma muito pontual: leves filetes de folha dourada aplicados sobre fundos brancos. Nas formas é que não há diferenças, a assimetria é tão forte lá quanto cá, havendo até a diferença que lá os retábulos, os púlpitos e todas as demais peças são mais fáceis de executar pois são moldagens feitas em gesso e não esculpidas em dura madeira de castanheiro ou de carvalho. Nem encontramos a incrível projecção que André Soares dava ao ático dos seus retábulos, penetrando fortemente no volume interior dos templos.

Ou seja, a igreja do mosteiro de Tibães está repleta de obras de desenho rococó mas, estruturalmente, acaba por ser uma peça de sensibilidade barroca. Ou seja, esta obra, mais do que qualquer outra mostra bem a dualidade de sensibilidades

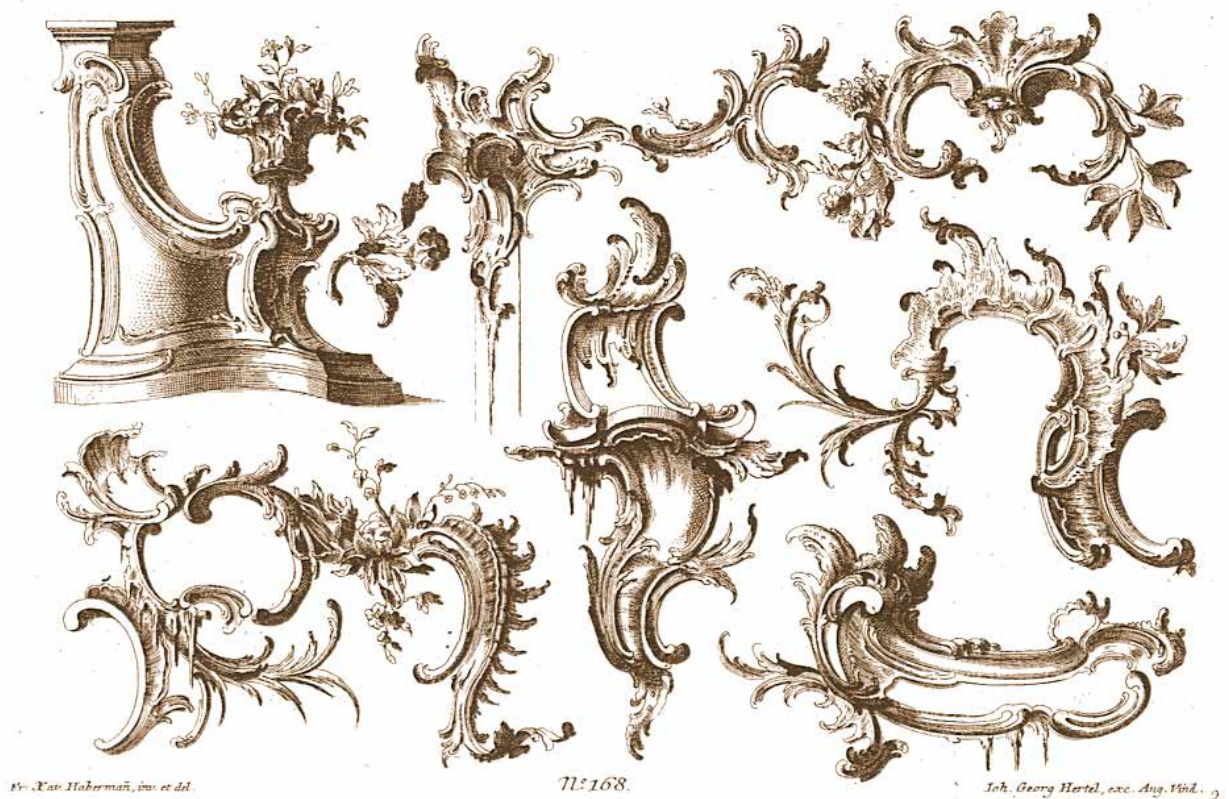
que percorria a sensibilidade de André Soares.

Outra questão que é fulcral na sua arte e que nos permite compreender bem a sua personalidade reside na utilização dos motivos decorativos, as conchas, as folhas, as linhas e um sem mais de outros ornatos. Olhando estas peças, vemos que há motivos que sendo recorrentes são sempre diferentes, são sempre recriados. As folhas de palmeira, por exemplo, foram colocadas nas alas laterais da janela do poder do novo palácio de D. José de Bragança; mas aparecem, também, nos retábulos da capela dos Monges (igreja dos Congregados), no de Santo António (capela de Nossa Senhora da Piedade, Sé de Braga) e no da capela de Santa Rita de Cássio, em Arcozelo, Vila Verde.

Outro motivo, o círculo, existe sobretudo na arquitectura, mas também pode ser visto na talha: umas vezes está aberto (sanefa do arco cruzeiro da igreja do Mosteiro de Tibães, parte superior do ático de vários retábulos, etc.), outras fechado (envolvendo a sua pedra de armas na porta do novo palácio de D. José de Bragança; nos motivos decorativos que ladeiam a nave e no lanternim da capela dos Monges, igreja dos Congregados, etc.).

Esta questão será retomada mais tarde, ao analisarmos em pormenor dos retábulos que são a razão deste pequeno livro, o da capela-mor do Pico de Regalados e o da capela de Santa Rita de Cássia, ou dos Barbosas, ambos em Vila Verde.

Há ainda mais um tema principal que deve ser abordado quando se estuda a arte de André Soares: referimo-nos à volumetria. André Soares foi, como muito bem o classificou o historiador americano Robert Smith, o homem da “talha gorda”. Olhando para as obras que desenhou, sejam as peças mais



Gravuras de Habermann

simples, como são as sanefas, ou as mais complexas, como é o caso de vários retábulos, tudo é poderoso, muito, muito poderoso. Quase parece que ele queria “esmagar” quem olhava para as suas obras, sejam trabalhos efectivamente grandiosos, de que o exemplo maior é o de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do mosteiro de S. Domingos, em Viana do Castelo, seja o da pequenina capela dos Monges, já aqui referida. Ou outros.

Para André Soares não há “costas”, não há “partes escondidas”. Em geral, os artistas não tratam com a mesma volumetria, com o mesmo cui-

dado, as partes da frente e das traseiras de uma peça. O normal é ter-se uma grande atenção à parte principal e muito pouca ou nenhuma às que não ficam visíveis. Mas isso não acontecia com André Soares como pode ver-se na janela principal do seu palácio, em Braga, ou nos enormes motivos com a forma de um S que ladeiam a porta principal do edifício da Câmara Municipal desta mesma cidade.

Queremos, por fim, desmontar de novo dois mitos:

(1) a obra de André Soares é muito grande;

(2) na parte final da sua vida o Mestre estava a aproximar-se dos novos ventos que começavam a soprar na arte portuguesa, os de um novo gosto, o neoclassicismo.

Vejamos o primeiro: André Soares não executava; apenas desenhava. Quando vemos a questão desta forma é muito fácil perceber que a sua obra é relativamente curta. É certo que há artistas que são muito sofridos, cheios de dúvidas. Os trabalhos que produzem são um quase eterno retorno, sobretudo na pintura, uma arte que permite que um dia se acrescentem mais duas ou três pinceladas e noutro se retirem. Os casos mais famosos são os de Leonardo da Vinci com as pinturas que levou para França e que o acompanharam até à morte; e Gaudi, cuja construção da igreja da Sagrada Família foi cheia de tantas, tantas dúvidas que ficou inacabada.

Com André Soares as coisas eram diferentes: ele concebia o desenho e dava-o para executar. Mais ainda, dava-o para executar escolhendo muitas vezes – no que respeitava às obras de ta-

lha – os artistas, diga-se, os melhores artistas. Os entalhadores que escolheu foram José Álvares de Araújo e, após a morte deste em Janeiro de 1762, Jacinto da Silva. Ao restringir-se apenas ao desenho não perdia o tempo imenso que é necessário para executar as obras. Claro que se ele fosse pintor ou desenhador poderia ter muito mais trabalhos pois dependeria apenas de si; veja-se o caso de Paul Klee que trabalhou poucos anos e executou milhares de pinturas e desenhos.

Deve também dizer-se que parece que André Soares aceitava qualquer tipo de trabalhos, sejam obras de grande, enorme vulto, como as que já referimos da talha da igreja do mosteiro de Tibães, ou o retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do mosteiro de S. Domingos, em Viana do Castelo. Ou, no polo oposto, trabalhos tão simples, embora de grande beleza, como os que concebeu para a capela de S. Miguel-o-Anjo (Braga), o retábulo de Santo António (capela de Nossa Senhora da Piedade, Sé de Braga) ou o da capela de Santa Rita de Cássia (Arcozelo, Vila Verde).

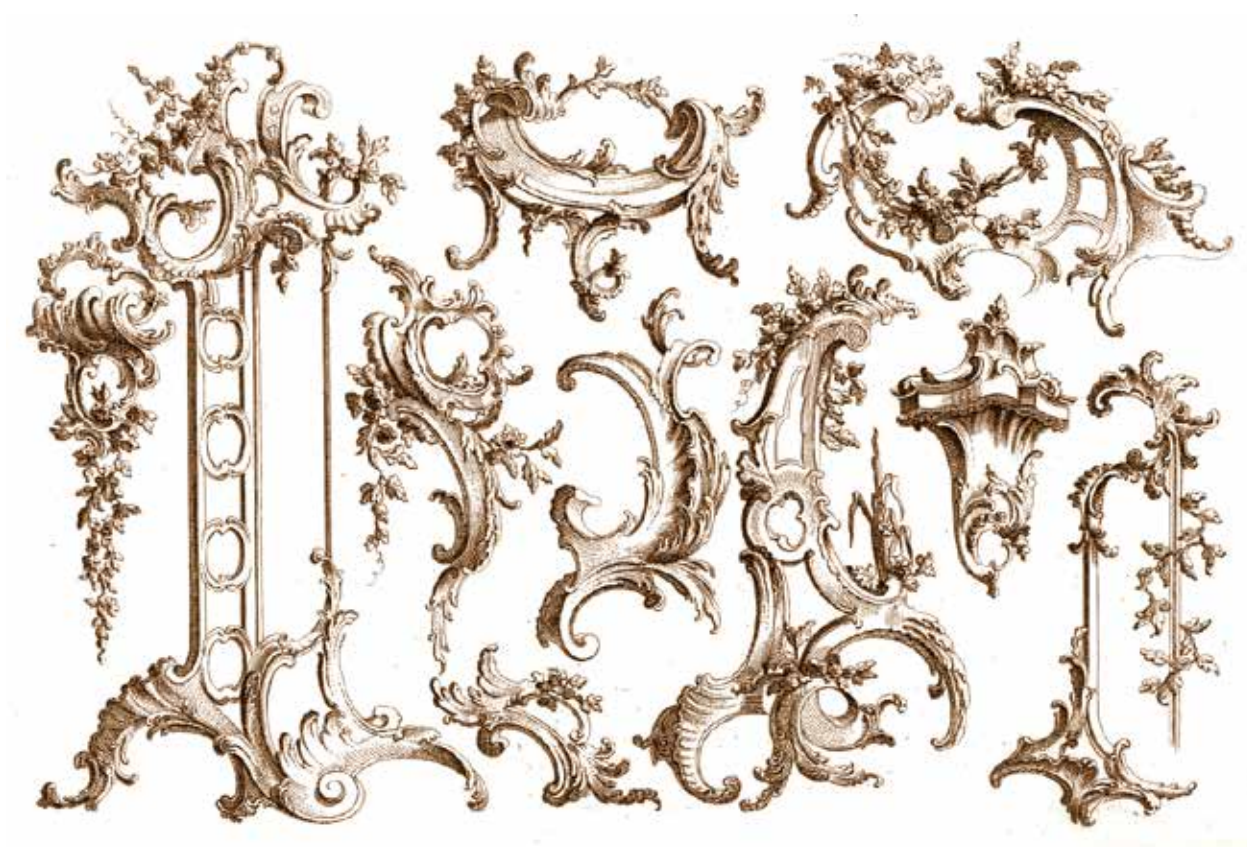
A segunda questão tem a ver com obras mais simples que lhe foram atribuídas por Robert Smith mas que na realidade não são dele, como é o caso, por exemplo, da fachada do antigo Convento de Santa Teresa, actual Lar de S. José, em Braga. Olhando obras como esta, tão despojadas, Robert Smith pensou que André Soares estava em mudança, que se estava a aproximar do neoclassicismo.

A verdade é que não estava. E não estava porque nem tinha exemplos em Braga que o ajudassem (naturalmente que poderia tê-lo apercebido através de gravuras, como lhe acontecera com o rococó¹⁵), nem, sobretudo, havia quem tivesse co-

15 O mais prolífico gravador de Augsburg foi Franz Xaver Habermann. Sobre a sua vida e obra veja-se, por exemplo, KRULL, Ebba – *Franz Xaver Habermann, 1721-1796: ein Augsburger Ornamentist des Rokoko*. Augsburg: Verlag Hieronymus Muhlberger, 1977.

Mas muitos outros gravadores mereciam ser lembrados. Para um primeiro inventário das suas obras existentes em Portugal veja-se, por exemplo, MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *L' image ornamentale et la littérature artistique importées du XVI^e au XVIII^e siècle: un patrimoine méconnu des bibliothèques et musées portugais*. Porto: Câmara Municipal, 1983.

No volume 4 da nossa tese de doutoramento podem ver-se reproduções de muitas destas gravuras: *André Soares e o rococó do Minho*, vol. 4, gravuras 399 a 434.



Gravuras de Habermann

nhecimentos para lhe pedir para conceber obras com esse gosto.

A questão do encomendador é fulcral. O encomendador é quem dá o programa da obra. As suas possibilidades económicas é que permitem, ou não, que seja de grandes dimensões e tenha um desenho complexo ou, então, mais simples, o que não quer forçosamente dizer que seja menos bela. Quando se

trabalha para alguém que tem poucos recursos, não se pode pensar em obras de desenhos intrincados, grandes dimensões ou enormes volumes.

Ao aceitar fazer estas peças mais simples, André Soares estava a querer dizer-nos apenas que tinha um grande, enorme prazer em desenhar. Desenhar fosse o que fosse. O que não deixa de ser curioso pois não se lhe conhecem obras de pintura!



Igreja Matriz do Pico de Regalados

André P. H. S. Soares da Silva

■ IGREJA MATRIZ DE S. PAIO DO PICO DE REGALADOS

A igreja matriz da freguesia de S. Paio do Pico de Regalados está situada numa meia encosta aberta a sul e a poente o que lhe dá uma boa implantação. Ao contrário do que é habitual, está um pouco deslocada quer da zona central desta antiga sede de concelho, quer de uma das duas estradas que ligam a cidade de Braga à Galiza quer, ainda, da principal casa senhorial, a dos Abreus.

A igreja era paroquiada desde 21 de Maio de 1726 pelo padre Fernando Jácome, uma personalidade que viria a ter uma importância decisiva na reconstrução da igreja. Fernando Jácome nascera em Maximinos, Braga. Era filho de Serafina Gomes e Paulo Jácome e irmão de dois outros padres, Lourenço Jácome e João Jácome. Fez a necessária *Inquirição de genere* em 26 de Agosto de 1709¹⁶. Esta *Inquirição* era absolutamente obrigatória e tinha como objectivo assegurar que o candidato possuía “sangue limpo”, isto é, não era de origem judaica ou árabe, condição fundamental para poder seguir estudos eclesiásticos. Antes de vir paroquiar a igreja do Pico morava com seu irmão Lourenço na rua de S. Miguel-o-Anjo, próximo da Sé Catedral de Braga e sobretudo da capela de S. Miguel-o-Anjo, capela que em finais do séc. XIX foi mudada para junto a estação de caminho-de-ferro¹⁷.

Deveria ser um homem muito organizado, tal é o cuidado com que deixou os livros de assento paroquial que hoje se conservam no Arquivo Distrital de Braga. Estes livros estão escritos *com letra elegante e regular, a leitura é fácil e os registos estão bem arrumados*¹⁸. Era, também, muito cuidadoso

nos registos que lançava pois introduzia muitas vezes informações complementares.

Em meados do século XVIII a igreja paroquial devia ser um edifício pequeno, quiçá ainda românico. Devia estar em mau estado, talvez mesmo com alguma ruína. E podia ser pequena, insuficiente para uma população em crescimento.

Esta situação que não é agradável, menos seria para um homem organizado como parece ter sido o padre Fernando Jácome. O problema é que embora fosse sede de um concelho, um pequeno concelho, diga-se, a freguesia era pobre.

Como é que se poderia fazer uma nova igreja? A questão não devia ser nada fácil. Em Soutelo, anos mais tarde, o pároco, Francisco Frágoas, era bastante rico e pagou do seu bolso a renovação da capela-mor, cabendo aos fregueses apenas a reconstrução do corpo do templo¹⁹. Mas não era essa a situação do padre Fernando que não sendo pobre, não parece ter sido rico; era sim um homem bastante cuidadoso no gastar do dinheiro, o

16 ADB. Inquirições de Genere. Pasta 1251, processo 28532.

17 Para o conhecimento da história e arte desta capela veja-se OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A capela de S. Miguel-o-Anjo*. Braga: Irmandade de N.ª S.ª do Ó, 2006.

18 ARAÚJO, Maria Marta Lobo – *O Pico de Regalados e a sua população. 1554-1979*. Braga, Universidade do Minho, 1992 (tese de mestrado não publicada), p. 33-34

19 OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A Igreja Matriz de Soutelo (Vila Verde)*. “Boletim Cultural. Câmara Municipal de Vila Verde”, Vila Verde, 1, 2005, p. 257-284.





Esquerda: Retábulo-mor da Capela da Casa da Freiria (Arcozelo, Ponte de Lima)
 Direita: Retábulo de N^ª S^ª da Boa Memória (Sé Catedral de Braga)
 Página anterior: Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados

que se comprova com a leitura do seu testamento que apresentaremos no apêndice documental deste estudo.

Que solução adotar, então? A mais óbvia. Ou seja: utilizar o dinheiro que havia em casa, isto é, parte do dinheiro de quem usava a igreja como sua casa, para poder cumprir os objectivos a que se tinha obrigado. Referimo-nos às confrarias.

Fernando Jácome escolheu duas, uma que pela sua identidade era transcendente a todos os sentimentos e necessidades dos povos da terra de Regalados, a do Santíssimo Sacramento, ou do *Senhor*; e que em geral, quando existia, era a que tinha a primazia nas freguesias. A outra foi a da *Senhora*, quiçá Nossa Senhora do Rosário que, a par das confrarias do Santíssimo Sacramento, foi a invocação mais corrente na Idade Moderna no espaço da arquidiocese de Braga. A confraria do Santíssimo, entrou com uma verba avultada, 500\$000 réis; a de Nossa Senhora com bastante menos, mas ainda assim muito dinheiro, 100\$000 réis:

... Serenissimo Senhor. Dizem os officiaes do governo de Sam Payo da Pica dos Regalados que motivados do spiritual zello de terem um tempo (sic) decente e com necessidade delle se motivaram a fazer a sua igreja de novo e por não terem as possibilidades necessarias por serem os moradores da dita freguezia pobres

*recorrem a Vossa Alteza e pella informação que deu o Reverendo Doutor Procurador Geral da Mitra no auto de revista que tudo presenciou foi Vossa Alteza servido concederlhes licença; acudindo a necessidade dos supplicantes para poderem gastar **quinhentos mil reis da Confraria do Senhor** [e] **cem [mil reis da Confraria] da Senhora da dita freguezia** o que tudo da petiçam incluza se mostra que se tem dado principio a dita obra e no que andam mestres [pedreiros] e porque para se demolir a igreja velha anda supposto o cappitulo [de visita] que ha sempre necessidade de licença de Vossa Alteza mas como nella se faz grande despeza e a dita obra se faça das esmolas para as quais he notoria [a] experiencia do grande zello de Vossa Alteza fazendo memoria perpetua nos edificios do Culto Divino como atributo proprio da Magestade de um Principe Ecclesiastico como a dita licença se possa conceder por hum despacho symplex ou por forma que se nam faça tam grande despeza...*²⁰

Cuidadoso como era, Fernando Jácome deverá ter pensado três ou mais vezes antes de avançar. Mas era também um homem que não ficava a reflectir tempos infindos na forma como as haveria de executar. A verdade é que quando endereçou o pedido ao Arcebispo D. José de Bragança já há algum tempo que tinha começado com as obras de demolição da igreja antiga. Vejamos outro extracto da Provisão anterior:

... Pedimos a Vossa Alteza se digne tambem por esmola concederlhe licença por despa-

20 Registo Geral, vol. 81, fls. 166-167. Registo de provisão porque Vossa Alteza Serenissima ha por bem conceder licença para se demolir a igreja de São Paio do Pico de Regalados. Tem a data de 3 de Março de 1747.



Esquerda: Pormenor do Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados
Direita: Pormenor do Retábulo de Nª Sª da Boa Memória (Sé Catedral de Braga)

cho para se demolir a Igreja velha em louvor da Paixam de Nosso Senhor e quando sejam sempre necessarios os mais requerimentos e ordens se passem visto ficar a dita obra em cappitulo como se mostra da certidam junta e recebera merce...

Em 3 de Março de 1747 o arcebispo concedeu a almejada licença. Acreditando que a autorização seria concedida, o pároco já se tinha antecipado e dado início às obras da igreja nova! É o que se

pode depreender de outro passo desta Provisão:

... Pelo presente visto o que em sua peticom nos representam os supplicantes officiaes da freguezia de Sam Payo da Pica dos Regalados deste nosso arcebispado a respeito de implo-randonos a merce de lhe concedermos licen-ca [para demolir] a igreja velha da dita sua freguezia por se ter ja dado principio a Igreja nova por virtude de hum cappitulo de visita a vista do que e do mais que consideramos con-cedemos licenca para que com effeito se possa





Esquerda: Pormenor do Retábulo-mor da Capela da Casa da Freiria (Arcozelo, Ponte de Lima)
 Direita: Pormenor do Retábulo de N^ª S^a da Boa Memória (Sé Catedral de Braga)
 Página anterior: Pormenor do Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados

demolir a dita Igreja aproveitando-se na nova de todo o material della...

Retenhamos: *aproveitando-se na nova [igreja] de todo o material della [velha igreja]...*, sábias palavras! É que embora o arcebispo fosse rico e poderoso e, até, de sangue real porque irmão do rei D. João V, ele sabia perfeitamente que o dinheiro era um bem escasso aqui no Pico, pelo que sendo a freguesia pobre haveria que aproveitar todos os cêntimos, fossem em dinheiro ou em materiais! Além disso, as normas eram muito exigentes em tudo quanto tocava a materiais que antes tinham incorporado um bem sagrado, como era o caso, por exemplo, das pedras ou madeiras de uma antiga igreja. Diziam-nos elas que *as cousas hua vez dedicadas ao culto Divino não podem mais servir em usos profanos: [pelo que] ordenamos, & mandamos que a madeira, pedra, ladrilho, ferro, & qualquer outra cousa que se tirar de alguma Igreja, não seja dada, nem vendida senão para outra Igreja,*

*Ermida, ou Oratorio...*²¹

Como é natural, a nova construção deveria seguir todas as normas gerais do arcebispado que estavam exaradas nestas *Constituições Sinodais*²²:

*... se fara com toda a perfeicam devida com porta principal para o publico // fól. 167 // Publico sem outra alguma fresta ou Tribuna para casa particular e concluida que seja necessario (sic) de todo o necessario se nos requerera licenca para a bencam...*²³

Compreensivelmente, a obra foi sendo feita por partes. Aqui no Pico começaram-se os trabalhos pela construção da nave. Pela informação que possuímos, já estavam concluídos nos inícios do mês de Março de 1751 data em que os altares foram benzidos. Não conseguimos, porém, saber o momento exacto em que findaram, mas não deve ter sido muito tempo antes. Embora fosse obrigatório ter autorização para benzer aquelas obras, não temos conhecimento desse documento. Esse documento existiu e foi, sem a menor dúvida, lançado na série do Registo Geral do arcebispado; mas por razões que hoje são para nós desconhecidas, há falta de vários volumes desta série fundamental para o conhecimento da História e da Arte do arcebispado. O tempo não passa impune!

Essa falha poderá ser, de certa forma, colmatada com a inscrição que se vê no dintel da porta que dá acesso interior à sacristia. Nela pode ler-se a data de 1750 e o nome do promotor da obra:

21 *Constituições synodales do Arcebispado de Braga / ordenadas no anno de 1639. pelo... Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo... Senhor D. João de Sousa. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, 1697, (Título XXV. Constituição VIII: Da madeira, pedra, telha, & mais cousas, que ficção das Igrejas, p. 324).*

22 *Constituições synodales do Arcebispado de Braga / ordenadas no anno de 1639. pelo... Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo... Senhor D. João de Sousa. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, 1697, (Título XXV. Das Igrejas, & como devem ser tratadas, p. 315-317).*

23 Registo Geral, vol. 81, fls. 166-167. *Registo de provisão porque Vossa Alteza Serenissima ha por bem conceder licença para se demolir a igreja de São Paio do Pico de Regalados. Tem a data de 3 de Março de 1747.*



Porta de entrada para a sacristia da Igreja Matriz do Pico de Regalados

FERDINANDUS
IACOME ABBAS ME FECIT
ANNO DOMINI
1750

Ou seja, Fernando Jácome, abade, me fez no ano do Senhor de 1750

Como vimos, as obras já estavam totalmente concluídas no dia 7 de Março de 1751. Por essa razão, o abade Fernando Jácome pediu ao arcebispo uma segunda autorização, agora para benzer a capela-mor e o retábulo:

Serenissimo Senhor

Diz Fernando Jacome, Abbade da Igreja de São Payo do concelho de Regallados que na occazião que se benzerão os altares e corpo da ditta Igreja precedendo a licença junta não pedio faculdade para tão bem se benzer o altar e Cappela Mor por não estar ainda finda e porpocionada com o ditto corpo e porquanto esta ja acabada e com sufficiente perfeição e notoria capacidade para nella se cellebrarem os Officios Divinos e collocar o Santissimo Sacramento o qual por virtude do despacho junto se transferio para diversso sittio... pello que //

fól. 180v // que pede a Vossa Alteza Real que para mayor honra e accidental gloria de Deus e para que os officios Divinos se celebrem com mais expedição e aceyo se digne dar faculdade para se benzer a ditta cappela e altar e nelle se tornar a collocar o Santissimo Sacramento...

Como o trabalho estava feito e perfeito o arcebispo anuiu, completando-se assim os trabalhos de construção da igreja paroquial

*... Dom Joseph... Pela presente vista a petição retro... e o mais que consideramos lhe concedemos licença para que na forma do ritual romano possa benzer a cappela mor e altar dela dita sua igreja... e transferir o Santissimo Sacramento para o sitio onde antes se achava e benta que seja a dita capella mor e altar dela se possam celebrar os officios divinos...*²⁴

A bênção que foi feita nesta data dizia respeito a todo, mesmo todo o templo. Fazemos esta ênfase porque a cerimónia incluiu também a aprovação de uma escultura que o abade mandara fazer em granito, a imagem do padroeiro

... o supplicante [fizera] fabricar de pedra huma Imagem do glorioso São Payo e collocar em hum nicho da fronteyra da Igreja cuja perfeição evidente mostra estar capas de se lhe dar culto e veneração pello que // *fól. 180v //* que pede a

Vossa Alteza Real que para mayor honra e accidental gloria de Deus e para que os officios Divinos se celebrem com mais expedição e aceyo se digne dar faculdade para se benzer...

Naturalmente, o arcebispo não teve qualquer dúvida em dar autorização para *benzer a imagem de que trata*.

Olhemos agora a obra que foi feita:

A nova igreja é precedida de uma escadaria composta por três lances de degraus e está ladeada por um amplo adro. É uma obra muito digna, bem construída, com um desenho do gosto tradicional. Saliente-se a colocação da imagem do padroeiro, uma escultura em granito figurando S. Paio, na edícula que sobrepuja a porta principal.

No dia da inauguração, na grande festa que com toda a certeza se fez nesse dia, os fregueses deviam estar muito contentes quer com o seu novo templo, quer com todos quantos nela intervieram. É que a Igreja era a obra maior da sua freguesia! Por muito pouco que tivesse sido o dinheiro com que os fregueses contribuíram, sem dúvida que deram algum, todo o que lhes fora possível. Não pode haver a menor dúvida que esta obra lhes tocava profundamente no seu íntimo! Era a sua obra!!!

Curiosamente, é muito possível que a igreja não tenha sido inaugurada apenas no tocante à arquitectura.

Dizer é muito possível indica dúvida. Expliquemo-nos: os dois pares de retábulos laterais conjugados, na nave, são dos inícios do rococó. Toda a sua estrutura é ainda joanina; mas há já uma série de apontamentos, de ornatos, que se filiam no

24 ADB. Registo Geral, vol. 121, fls. 180-181: *Registo de provisão a favor de Fernando Jacome, Abbade de São Payo do concelho de Regallados.*

novo gosto. Ou seja, devem ser estes os [quatro] altares laterais que foram benzidos juntamente com a igreja em 7 de Março de 1751.

Os ornatos são gosto rococó mas de uma forma ainda um pouco tímida. Isso não impede que se possa dizer que a nova igreja do Pico de Regalados é uma das que primeiro viu, melhor entreviu, uma nova forma, a nova sensibilidade com que a partir daí se iria passar a trabalhar a madeira nas igrejas e capelas da arquidiocese de Braga.

Naquela data, os altares estavam ainda com a madeira em bruto, faltava pintar e dourar. É que entre a colocação do retábulo e a sua pintura ou douramento é preciso deixar passar algum tempo, pelo menos um ano, de preferência mais, talvez dois ou três. Não se pode avançar de imediato para os trabalhos de cobertura pois é necessário deixar *rechar* a madeira. Dizem os mestres da arte que a madeira *dá-se*. E mais se *dá* quando as peças são complexas, formadas por uma série de partes que depois se reúnem num todo. É, portanto, obrigatório deixar passar algum tempo antes de se fazer a pintura ou douramento. Este cuidado era muito positivo por outra razão: permitia que se fosse juntando mais algum dinheiro para estas obras pois eram um trabalho bastante caro, por vezes tão ou mais dispendioso que o da obra de talha.

Lamentavelmente não ficou memória nem de quem concebeu, nem de quem executou o trabalho da talha. Para estes altares sabemos apenas que em 16 de Setembro de 1754 foi lavrada no notário João de Abreu Camelo, da vila do Pico a

Escritura de obrigação da obra de douramento dos altares collatrais da igreja de Sam Payo

*deste concelho de Regalados*²⁵

Este documento é estranho. Não é estranho em si pois é um dos muitos contratos de pintura e douramento de retábulos que foram lavrados nos notários do Minho. O que é invulgar é ver que os dois artistas que contrataram esta obra viviam em locais muito afastados: Caetano de Jesus Teixeira era da cidade do Porto e Jerónimo de Almeida morava em Coucieiro, Vila Verde. Além disso, são dois homens que não são conhecidos nem nos dicionários de artistas da cidade do Porto²⁶, nem temos informação deles na nossa base de dados.

Como é que se terão conhecido? Como é que se terão associado? E como é que os representantes das três confrarias que encomendaram a obra, a do Santíssimo Sacramento, a de Nossa Senhora e a do Subsino (de certa forma o equivalente à actual Junta de Freguesia) os terão contactado? É certo que poderão ter concorrido a uma arrematação pública, como também era costume ser feito para este tipo de trabalhos. Mas isso não resolve a dúvida sobre a forma como se terão conhecido.

O preço que contrataram até nem foi nada grande, apenas 380\$000 réis para quatro retábu-

25 Nota de Vila Verde (Pico de Regalados), vol. 378, fls. 7-7v.

26 BASTO, Artur de Magalhães – *Apointamentos para um dicionário de artífices e artistas que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal, s/d.; BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Vol. 3, 1726-1750. Porto, S.n, 1986; BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Vol. 4, 1751-1775. Porto, S.n, 1987

los. O que é interessante é o jogo de cores utilizado, baseado no branco e numa aplicação de muito pouco ouro, o que mostra ou a necessidade de um preço baixo – os retábulos cobertos de ouro seria muito mais dispendiosos – ou que já se estavam a aproximar do novo gosto, o rococó, que pedia cores leves e, no que respeita ao ouro, apenas pequenos apontamentos.

O contrato, que é bem explícito, refere como é que a obra deveria ser feita:

... os quatro altares e retábulos... com os quatro frontais dos ditos altares e as sete imagens dos santos que neles estão tudo na forma dos apontamentos que pera esse efeito se fizeram do thior seguinte; coatro retabullos colletrais aparelhados com os modos nececarios e dourados a bornido com ouro do mais sobido e por cima onde lhe for necessario e respaldos e esculpturas estufado e encarnado....

Segue-se depois a descrição dos restantes apontamentos, tudo, repetimos, por uma quantia muito razoável, 380\$000 réis.

É muito interessante ver-se que a obra de arquitectura foi realizada de uma só vez e que na de talha apenas se fez a da nave. A igreja ficou, portanto, com o retábulo-mor velho. Porquê? Porque tinha sido reformulado há pouco tempo? Ou terá sido porque o dinheiro não foi suficiente para tudo? Acreditamos mais nesta possibilidade, embora não passe de uma mera hipótese de trabalho.

E dizemos isto porque no seu testamento o abade Fernando Jácome mostrou que tinha plena consciência que a obra da igreja ainda não estava

acabada. Nesse documento, depois de uma série de indicações sobre pessoas a quem deveriam ser entregues alguns bens (camas, tecidos, talheres, etc.) e dinheiro, deixou a seguinte indicação

... E para serviço da Igreja deixou tres tomos = Alma instituída de doutrina cristam = á mesma igreja e ao Reverendo Abade seu sucessor seriam entregues vinte moedas de ouro de quatro mil e oitocentos reis cada huma para o que puder succeder a bem desta Igreja;

vinte moedas de ouro de quatro mil e oitocentos reis era uma quantia bastante razoável. Eram 96\$000 réis. Já vimos que na obra da igreja foram gastos pelo menos 600\$000 réis (a que se tem de acrescentar o aproveitamento dos materiais provenientes da demolição da igreja velha). E que a pintura e douramento dos quatro retábulos conjugados da nave custaram a 380\$000 réis. De onde teria vindo o restante dinheiro?

Estranhamente não encontramos nenhum documento que se refira à obra do retábulo-mor. Nem nos notários da vila da Pica, como então se dizia, nem no Registo Geral, nem nos livros das confrarias. Acreditamos, porém, que a exemplo do que já se passara com a obra de arquitectura, deve ter sido feita uma nova divisão dos valores necessários pelas confrarias. Era esse o costume. E como não temos documentação nenhuma, também não sabemos quem foi ou foram os artistas que o executaram.

Mas se não conhecemos os nomes dos entalhadores, não temos a menor dúvida sobre quem o concebeu e a data em que foi entalhado. Tudo



Pormenores do Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados

nesta obra indica que quem a desenhou foi André Soares, o grande Mestre que tantas obras tinha desenhado para Braga, Porto, Viana do Castelo, mosteiro de Tibães, etc. Quanto à data deverá ter sido algures por volta de 1768.

Expliquemo-nos:

São dois os caminhos que nos levam até André Soares²⁷. Um de origem familiar. O outro do ponto de vista da análise formal da obra. Vejamos o primeiro:

O padre Lourenço Jácome, que morreu em 9 de Agosto de 1754 no Pico de Regalados, era irmão do abade Fernando Jácome e padrinho de André Soares. Lembremos que quando estava a viver em Braga o padre Lourenço Jácome morava na rua de S. Miguel-o-Anjo, rua para onde a família de André Soares se mudou precisamente naquele ano de 1754, curiosamente para uma casa contígua aquela em que ele habitava:

[Assento de óbito do padre Lourenço Jácome, padrinho de André Soares]

Aos nove dias do mes de Agosto do anno de mil, e setecentos e sincoenta, e quatro faleceu na freguesia de São Payo de Pica dos Regala-

dos o Reverendo Lourenço Jacome, morador na Rua de São Miguel o Anjo desta freguesia da Se, com os sacramentos constara do Reverendo Parocho daquela freguesia. Não fez testamento, e foi sepultado na dita freguesia de São Payo onde por acaso se achava, erdeiro seu irmão Fernando Jacome Abbade da dita freguesia de São Payo de Pica de que fiz este era ut supra. Constoume que teve officio de corpo presente no die obitus onde foi sepultado, e neste se teve mais dous officios, eu o declarei era ut supra Ignacio Palhares vigario da Se²⁸

Poder-se-á dizer que o padre Lourenço Jácome morreu em 1754, o abade Fernando Jácome em 27 de Julho de 1761, e o retábulo-mor da igreja matriz do Pico de Regalados é talvez datável de 1768. Se aliarmos aquela relação familiar a imensa fama que deveria aureolar o nome de André Soares, não nos custa acreditar que querendo a freguesia mandar fazer, finalmente, o retábulo-mor da sua igreja matriz, o sucessor dos padres Fernando Jácome e António de São José tenha pedido o risco do retábulo ao Mestre.

Vejamos agora do ponto de vista formal. No dia 5 de Dezembro de 1766, André Soares ofereceu-se para conceber gratuitamente o desenho para o novo retábulo que a confraria de Nossa Senhora da Boa Memória, da Sé, queria mandar fazer. Entretanto surgiu uma segunda pessoa a oferecer outro projecto. A confraria só reuniu em 10 de Abril de 1767 para a fazer a escolha que recaiu na proposta do Mestre. Na realidade, o desenho final apenas seria entregue em meados de Julho de 1767 porque André Soares esteve bastante tempo doente.

27 Já abordamos a questão do retábulo do Pico de Regalados, embora de uma forma mais sucinta, na nossa tese de doutoramento, justamente intitulada: *André Soares e o rocó do Minho*. Veja-se o vol. 1, p. 220-221. Disponível em livre acesso em <http://hdl.handle.net/10216/62456>.

28 ADB. Paroquial de Braga (Sé), livro 349, Óbitos 4, fól. 22. O assento de óbito feito na paróquia do Pico foi lançado em ADB. Paroquiais de Vila Verde, 448 (Óbitos 3, Pico de Regalados), fls. 76v-78v. Veja-se o Apêndice documental deste presente texto.



Pormenor do ático do Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados

A obra só deve ter ficado concluída em Setembro de 1768 porque a confraria só pediu a sua bênção na reunião que teve no dia 11 daquele mês e ano²⁹.

Reparando neste retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória – que hoje se encontra na capela de Nossa Senhora da Piedade, na Sé –, veremos que existem muitas semelhanças, quase parecendo que o retábulo do Pico de Regalados é um desenvolvimento do da Sé. A razão está em que enquanto o da Catedral ocupava originalmente um espaço que era muito contido³⁰, uma pequenina capela, na igreja matriz do Pico de Regalados a área era proporcionalmente imensa. Repare-se, por exemplo, que enquanto o retábulo do Pico tem de cada lado duas colunas bastante separadas, com um espaço onde se pode colocar uma imagem, no de Nossa Senhora da Boa Memória existe apenas uma coluna. Naturalmente, o ático, o embasamento (a parte inferior, sob as colunas) e o trono eucarístico são bastante diferentes.

Seja como for, este paralelismo não deixa de ser um pouco estranho. Naquele tempo era nor-

mal os artistas retomarem desenhos de outros. Uma gravura de Haberman, por exemplo, esteve na origem quer de um retábulo do um santuário austríaco, o de Maria Plain, quer dos retábulos que André Soares concebeu para os extremos do transepto da Sé de Lamego.

Mais ainda, o Mestre retomou muitas vezes os seus próprios desenhos; mas tinha o cuidado de os recriar sempre. Estranhamente, aqui no Pico não foi o que aconteceu, os ornatos são iguais e a estrutura geral também. Este paralelismo tão forte leva-nos a pensar que talvez já estivesse no final da sua vida, no longo período em que esteve bastante doente, antes de morrer. Vejamos: são semelhantes

- (1) os fortíssimos motivos que estão paralelos ao sacrário, entre o camarim e as colunas, prolongando-se quase até ao chão³¹;
- (2) as colunas e o motivo decorativo que as ornamentam na parte superior, com a forma de uma grinalda descendente;
- (3) os vários ornatos existentes nos cantos do ático (a parte superior do retábulo);
- (4) as portas no camarim que dão acesso ao trono eucarístico, incluindo o motivo que as sobrepõe e os que estão dos lados, a meio, em forma de laço com uma flor no centro; e, finalmente
- (5) o motivo aberto no ático, colocado imediatamente sobre o camarim. Como acima dissemos, o embasamento é bastante diferente, nada tem a ver com o do retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória que, aliás, é muito exíguo e liso, pois a capela onde inicialmente se inseria e aquela onde agora está colocado³² não permitia outra solu-

29 Este assunto já foi pormenorizadamente tratado na nossa tese para onde remetemos o leitor: *André Soares e o rococó do Minho*, vol. 1, p. 117, 122-123, 412-415.

30 No agora indevidamente denominado “Claustro de Santo Amaro”.

31 Este tipo de motivo, mas com outra leveza, só se encontra em mais uma obra de André Soares, o retábulo da capela da Casa da Freiria, em Arcozelo, Ponte de Lima.

32 Originalmente, a confraria de Nossa Senhora da Boa Memória estava colocada numa capela existente no chamado “claustro de Santo Amaro”. Com as obras realizadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no segundo terço do século XX, este retábulo foi transferido para o local actual.

ção. É uma peça que tem bastante força, mas também muito lirismo.

Embora faça lembrar um pouco as partes similares de outros retábulos de André (capela de Santa Maria Madalena da Falperra e capela dos Macieis Aranhas ou da casa da Praça) o retábulo do Pico está longe deles. Pode ser que o problema aqui não tenha a ver com a qualidade

do desenho mas sim com a forma como o desconhecido entalhador o entendeu e executou. Não nos parece que este retábulo do Pico tenha sido executado por um entalhador habituado a trabalhar com o Mestre. O que não impede, porém, que tenha saído das mãos de um excelente executante. A sua talha, contudo, não tem a volumetria, a pujança que se vê nos seus outros retábulos.



Pormenores do Retábulo-mor da Igreja Matriz do Pico de Regalados



Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

André Pitt. Sonny das Velas

■ CAPELA DE SANTA RITA DE CÁSSIA, TAMBÉM CHAMADA CAPELA DOS BARBOSAS

Em 1886, no *Minho Pittoresco*, de José Augusto Vieira, esse belíssimo livro de exaltação das nossas terras do Minho, podem ler-se estas palavras.

*ARCOSELLO é a freguesia onde está a casa do Paço dos Barbosas que o leitor vae encontrar já um pouco mais adiante sobre o seu lado direito, n'uma pequena baixa do terreno...*³³

Palavras admiráveis. Não por estarem bem escritas mas porque num momento em que as pessoas circulavam, embora sem a facilidade com que agora o fazemos, o malogrado médico de Valença soube descobrir numa aldeia do Minho, então praticamente perdida, uma propriedade que era de uma beleza apenas singela.

Extraordinário seria se o escritor tivesse ido mais longe e conseguido admirar o muito belo retábulo da capela privativa desta casa! Estaríamos, porém, a pedir demais porque em finais do século XIX ninguém admirava o barroco e não se conhecia a palavra rococó. Curiosamente, nas oficinas da cidade de Braga e de outros centros artísticos do país estava na moda fazer obras neobarrocas e neorrococó de imensa qualidade que nos últimos anos têm vindo a ser paulatinamente conhecidas e muito valorizadas.

A ideia de se construir uma capela num local da freguesia de Arcozelo obedeceu a uma realidade que foi corrente no nosso país nos séculos

XVII e XVIII:

- (1) teria que estar situada longe da igreja paroquial;
- (2) os caminhos até à igreja deveriam ser francos e de difícil acesso;
- (3) haveria um rio que poderia ser turbulento e difícil de atravessar nas cheias de Inverno; e
- (4) entre os habitantes da casa deveria haver pessoas idosas, ou com dificuldade de locomoção.

Para se poder construir uma capela, a hierarquia religiosa exigia que os candidatos disponibilizassem uma série de bens que permitiriam uma independência financeira porque na Idade Moderna era inadmissível a existência de capelas maltratadas ou em ruínas. Após a garantia de que haveria uma renda suficiente para a manutenção, era necessário que o proponente também a construísse com boa qualidade, colocasse pelo menos uma mesa de altar e uma imagem do orago. O fundador teria ainda de a prover com todos os demais objectos sagrados, quer paramentos para o padre se poder revestir nas missas e outras cerimónias, quer cálices, patenas e muitas outras alfaias em prata ou estanho para poder rezar a missa.

Além destas, havia ainda três outras condições

33 VIEIRA, José Augusto – *O Minho Pittoresco*, vol. 1. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1886, p. 404.





Nesta página: Pedra de Armas da Capela de Santa Rita de Cássia
Página anterior: Capela de Santa Rita de Cássia

muito importantes no domínio da arquitectura:

- (1) a capela teria que ter a porta principal voltada para um caminho público;
- (2) não poderia ter acesso directo à casa, excepto ao nível do coro alto; e
- (3) as missas que lá se realizassem deviam ser abertas a toda a gente, sem qualquer excepção.

Ou seja: se é certo que ter uma capela privada implicava um grande gasto de dinheiro, não é menos verdade que a família também beneficiava de muitas facilidades: havendo uma capela junto a casa os proprietários passavam a ter um local muito cómodo onde podiam assistir à missa, ou apenas rezar, sem ter assim de perder tempo em ir à igreja e sem se sujar em caminhos que estavam sempre enlameados em tempo de chuva e cheios de poeiras no verão.

Mas havia outra razão que mesmo não tendo nada a ver com o culto não era menos interessante para a família que a passaria a administrar: essa capela aumentaria, e muito, o seu estatuto social porque em geral numa freguesia havia, para praticar o culto, apenas duas ou três capelas, para além da igreja paroquial. Só um grande Senhor é que usufruía de uma tal possibilidade!

Como é natural, a construção da capela de Santa Rita de Cássia obedeceu a todas estas

condições que podem ser conhecidas nas *Constituições Sinodais* do arcebispado de Braga, deliberadas em 1647 e publicadas em 1699³⁴. A documentação é infelizmente bastante escassa e não nos permite responder às muitas dúvidas que nos surgem. Vejamos:

A ideia de se fazer esta capela de Santa Rita de Cássia remonta, pelo menos, a 8 de Dezembro de 1756. Nesse dia, o padre Bernardo Correa Barbosa endereçou aos serviços burocráticos da Mitra, então em Sé Vacante porque o arcebispo D. José de Bragança tinha falecido e ainda não fora nomeado um sucessor, o pedido para poder fazer uma capela na sua quinta da Codeçosa, invocando (1) que as familiares que viviam com ele – irmãs e sobrinhas – eram pessoas de *condição*, (2) que a igreja estava bastante longe da casa que edificara e, ainda, (3) que entre a sua casa e a igreja paroquial havia um rio, o Neiva, que costumava ser caudaloso no inverno, tanto que impedia que nesses tempos de cheias as pessoas o pudessem atravessar e, conseqüentemente, lhes não permitia o acesso à igreja e à missa de preceito, o que então era considerado uma falta muito grave. Vejamos o documento:

Registo de provisão porque Vossa Senhoria Excellentissima fas merce ao Supplicante lhe dar licença para erigir hua capella na sua quinta com a imbocação de Santa Rita de Cassia. Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Dis o Padre Bernardo Correa Barbosa da freguezia de Sam Thiago de Arcuzzello desta comarca e Arcebispado que a elle supplicante se lhe fes preciso o rezedir na dita freguesia e vi-

34 *Constituições synodales do Arcebispado de Braga / ordenadas no anno de 1639. pelo... Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo... Senhor D. João de Sousa. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, 1697, (Título XXV. Das Igrejas, & como devem ser tratadas, Constituição I: Que se não funde Mosteiro, Igreja ou Ermida, nem se diga nellas missa sem nossa especial licença, p. 315-317).*

ver na sua quinta chamada da codessosa aonde com efeito esta morador com suas irmans e sobrinhas hua veuva e as mais donzellas pessoas de distinção recolhidas e de exemplar vida e procedimento como he constante para o qual efeito edificou ahi casas suficientes para se viver e porque a Igreja da dita freguezia lhe fica em grande distanssia para Poderem hir a ella ouvir missa e tambem por ficar em meio o rio Neiva que he caudaloso de tal sorte que succedendo haver chuvas principalmente no tempo do Inverno se não pode passar e as vezes pello discurso dos dias estta a paçagem tomada do que tudo lhe resulta hum gravissimo prejuizo e tambem a alguns maes moradores que ficão para a mesma parte que regullarmente ficão nas ditas ocazioins sem ouvir missa...

Por estas razões, que ele suplicante acreditava serem mais do que justificadas e, até, urgentes, disponibilizava-se a construir uma capela, sabendo que teria de constituir bens suficientes para a garantia da sua manutenção (fábrica, dizia-se então), bens que seriam exclusivos da capela e a que não teria acesso, apenas os serviços do arcebispado poderiam intervir neles, caso fosse necessário. Portanto, por esse

... motivo porque a vista de tam urgentte //
fól. 150 // *de tam urgentte necessidade deseja o suplicante edificar na mesma sua quinta hua capella com a invocação de Santa Rita de Cassia para a sustentação da qual e fabrica della in perpetuum quer hipotecar bens suficientes e livres sendo vossa senhoria servido conce-*

der-lhe licença para isso do que tambem não resulta prejuizo algum ao Reverendo Parocho da mesma e assim pede a vossa Senhoria que em atenção as causas alegadas lhe faça merce conceder licenca para poder fazer a dita capella e recebera merce...

Como é natural, o arcebispo quis saber da veracidade de todos os argumentos apresentados pelo padre Bernardo Correa Barbosa e pediu ao pároco da freguesia que confirmasse a petição.

... // *Informe o Reverendo Parocho Braga em Cabbido sede vacante quatro de Setembro de mil e settecentos e sincoenta e seis o chantre. Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor a capella que o suplicante quer erigir e fundar na quinta de codessosa alem de culto e veneração de Santa Ritta de Cacia (sic) lhe he muito precisa pellas rezoins que alega para elle [e] sua familia que sam pessoas distintas Recolhidas e de exemplar procedimento poderem ouvir miça e tambem para alguns moradores que vivem vizinhos a dita quinta como tambem para desta capella se admenistrar os sacramentos ao suplicante e sua malia (sic) e vezinhos pode ser util quando por causa do inverno ha innundassoes do Rio que sam muitas e se impede as passages para a Igreja Parochial ademenistrar passe ao Referido na verdade vinte e nove de Setembro do anno de mil e cetecentos e sincoenta e seis annos em Sam Thiago de Arcuzello aos pes de Vossa Senhoria o emcomendado o Padre francisco Lopes...*







Interior da Capela de Santa Rita de Cássia
Página anterior: Idem



Retábulo de Santo António, Sé Catedral de Braga

Resolvida esta dúvida logo surgiu outra, a de saber se, efectivamente, os terrenos doados para a fábrica da capela estavam livres da interferência do seu administrador, isto é, se eram dízimos a Deus, como então se dizia. E se o rendimento desses bens era suficiente para o seu bom funcionamento. Esta parte dos documentos é bastante interessante para o conhecimento da freguesia porque nos permite conhecer a microtoponímia do local, nos dá os nomes de algumas propriedades:

... // Haja vista ao Reverendo Doutor Procurador Geral da Mitra Braga em Cabbido sede vacante de nobembro cinco de mil e cetecentos e sincoenta e seis o chantre Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Para dizer sobre o requerimento deve informar primeiro o Paroco se os bens destinados para a fabrica da capella são dizimos a Deos e livres de outra obrigação como tambem // fól. 150v // como tambem o e o seu rendimento he o que se diz que [é] suficiente para a mesma fabrica Vossa Senhoria mandara o que for Servido. Braga nove de nobembro de mil settecentos e sincoenta e seis Faustino Pereira da Silva. Satisfaça o Reverendo Parocho ao que requer o Reverendo Doutor procurador geral da mitra Braga em Cabbido sede vacante des de Nobembro de mil cettcentos e sincoenta e seis. O chantre. Illustrissimo Senhor Imformandome com pessoas fidedignas achei que as propriedades doadas e dotadas de que fas menção a escritura junta sao dizimas a Deos livres e desembargadas e sem outro onuus pecoalmente as fui ver e lebei comigo João Ferreira e Domingos Fernandes

Lavradores e moradores no Lugar do Hospital desta mesma freguezia pessoas de verdade e praticos no valor e rendimento dos Bens de Rais desta Ribeira e achamos que valerão por comum preço quinhentos mil reis e que renderão em cada hum anno livres vinte e sinco mil reis são excellentes propriedades banhadas com o rio Neiva e das mais partes que elle banha he o que vi e achei e julguei com os ditos louvados imformadores que aqui assignarão comigo Vossa Senhoria mandara o que for servido Arcuzello novembro vinte e dois de mil e cetecentos e sincoentta e seis aos pes de Vossa Senhoria o subdito mais favorecido e mais humilde o emcomendado de Arcuzello, o Padre Domingos Ferreira de Barros = Domingos Fernandes hua Crus = João Ferreira =

Estes processos corriam de forma muito cuidadosa. O que muitas vezes não impedia que pudesse haver uma certa celeridade. Vimos que o pedido foi feito em 4 de Setembro de 1756; a almejada licença foi concedida daí a três meses, em 1 de Dezembro de 1756. Houve uma eficácia muitíssimo razoável, boa mesmo!

... Illustrissimo Senhor: Na atenção do que consta do documento junto e informações do Parocho porque se fas constante concorrem os requisitos de sitio conveniente invocação da Santa e forma decentte para a capella e dote competente para a sua sustentação de que se trata na constituição Titulo vinte e tres constituição um. Pode Vossa Senhoria na conformidade desta // fól. 151 // na conformidade



Ático do Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

desta mandar passar ao supplicante provizão para erecção da capella e quando a haja assim por bem se expedira com as clausulas do estillo. Braga vinte e tres de novembro de mil e setecentos e sincoenta e seis. Faustino Pereira da Silva. Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor da informação do Reverendo Parocho consta o allegado na suplica e resultar grande utilidade a freguesia da ereção da capella que o suplicante pertende erigir e junta a doação dos bens com que a quer dotar de rendimento superior para a sua conservação e assim Pede a Vossa Senhoria seja servido concederlhe a licença pedida e recebera merce Passe provizão na forma costumada para a erecção da dita capella Braga vinte e oito de nobembro de mil

e setecentos e sincoenta e seis = Frei Henriques digo Aleixo de Miranda Henriques. Doação que fazem o Padre Bernardo Correa Barbosa e sua Irmam Donna Luiza Pereira de Afonsequa para a fabrica da capella que pertendem fazer. Em nome de Deos... // fls. 151v e 152 // Pella presente vista a petição do suplicante o Padre Bernardo Correa Barbosa da freguezia de São Thiago de Arcozello deste Arcebispado informam do Reverendo Parocho da dita freguesia e respostas do Reverendo Dezembargador Procurador Geral da Mitra hei por bem conserder licença para que na sua quinta onde reside possa edificar de novo a capella que declara com a invocação de Santa Rita de Cassia na forma que declara a coal Sem (sic) feita com

*toda a purificação devida com as portas para o Publico sem que lhe fique alguma na caza particular e menos janella fresta ou tribuna e feita que seja requerera licença para a benzer na forma do estillo e por assim o haver por bem lhe mandei passar o presentte que depois de ser por mim assinado se registara no Registo Geral desta corte sem o que não valha. Dada em Braga sob meu sinal e sello desta cortte ao primeiro de Dezembro de mil setecentos e sincoenta e seis anos...*³⁵

O processo burocrático para conseguir autorização para levantar a capela foi, como vimos, rápido, demorou apenas três meses. Mas para a começar a construir foram precisos anos. Mais de quatro anos e meio! Porque é que terá demorado tanto tempo a iniciar-se a capela? Falta de dinheiro? Não temos como saber.

Em 21 de Janeiro de 1761 o arcebispo, que agora era agora D. Gaspar de Bragança deu, depois de ter recolhido o parecer positivo do pároco de Arcozelo, sequência ao pedido que lhe fora endereçado pelo padre Bernardo Correia Barbosa, o dono desta quinta da Codeçosa

Registo de Provisão porque Vossa Alteza ha por bem de fazer ao supplicante a merce de lhe conceder licença para que o seu Reverendo Parocho lhe possa benzer a capella de que trata.

Diz o Padre Bernardo Correia Barboza da freguezia de São Thiago de Arcuzello deste Arcebispado

Primas que elle erigio e fundou de novo hua capella com a invocação de Santa Rita de Cassia precedendo Lissenca do Reverendo Cabbido sede vacante como consta dos documentos e provisão juntas e como esta acabada e tem os paramentos necessarios para ella se sellebrar Missa Pede a Vossa Alteza se digne mandarlhe passar lissenca para se benzer a dita capella e nella se dizer Missa e recebera merce // Informe o Reverendo Parocho Braga nove de Setembro de 1761. Dom Gaspar Arcebispo Primas Serenissimo Senhor Satisfazendo ao decreto de Vossa Alteza fui eu Joze Cardoso de Meneses cura nesta Igreja de São Thiago de Arcuzello a quinta da codesosa e que e nesta freguezia e vi a capella que ahi se fundou de novo com o titulo da Senhora Santa Rita e a achei acabada como se requer e na forma da Provisão e mais documentos juntos e tem os ornatos necessarios para nella se sellebrar hua e mais Missas E o que posso informar a Vossa Alteza que mandara o que for servido São Thiago de Arcuzello doze de Setembro de 1761 Joze Cardozo de Meneses // Cura // Passe Provisão na forma do estillo Braga vinte e nove de Setembro de 1761. Dom Gaspar Arcebispo Primas // Dom Gaspar por merce de Deos e da Santa // fól. 387v // Santa Se apostolica Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas, etc. Pela presente visto o que em sua petição retro nos representou o Padre Bernardo Correia Barboza da freguezia de São Thiago de Arcuzello deste Arcebispado Primaz informação do Reverendo Parocho e o mais que concideramos lhe fazemos merce a elle dito Reverendo Parocho para que na forma do Ritual Romano possa benzer a capella de que se trata...³⁶

35 ADB. Registo Geral, vol. 134, fls. 149v-152.

36 ADB. Registo Geral, vol. 62, fls. 387-387v.



Sacrário do Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

É muito interessante ver que no documento acima, na parte em que o pároco dá conta de que está tudo conforme, foi muito sucinto na apreciação da capela e seus bens: *achei acabada como se requer e na forma da Provisão e mais documentos juntos e tem os ornatos necesarios para nella se sellebrar hua e mais Missas*. Ou seja, foi parco de palavras ao descrever o interior pois não refere se já havia ou não um retábulo.

A verdade é que não necessitava de o dizer, nem era obrigatório a capela ter, propriamente, um retábulo. Precisava apenas de uma mesa de altar com pedra de ara e um local para colocar a imagem da padroeira. Mas, claro, ficaria muito mais bonita, muito mais asseada, muito mais *decente*, como então se dizia, com um retábulo.

Será que não tinha retábulo? Caso isso acontecesse não seria a primeira nem a última. Já encontramos outros casos em que o retábulo foi construído alguns anos mais tarde, após o proprietário ter conseguido juntar o dinheiro necessário para a sua execução. Execução e douramento, duas despesas, portanto.

Sobre esta capela de Santa Rita de Cássia conhecemos apenas estes dois documentos. Infelizmente a memória do passado fica-se por aqui. Não há, por exemplo, um contrato de obra de construção da capela, como também não existe um contrato para a execução do retábulo. Ou se existiram, perderam-se na voragem dos tempos. Tudo dependia da relação existente entre o dono da obra e os artistas: se confiasse neles não haveria necessidade de gastar dinheiro e tempo numa ida ao notário lavrar um contrato de obra, isto é, um documento de segurança. Sendo o dono da futura capela um

padre e as pessoas muito tementes a Deus, em princípio tudo deveria correr normalmente.

A casa do padre Bernardo Correa Barbosa estava colocada na parte nascente de um correr de edifícios que continuam a ser os que ali existem, construídos em diferentes períodos, o que se pode facilmente perceber na articulação das pedras da fachada principal, hoje sem qualquer espécie de reboco. Em data desconhecida a casa teve uma ampliação em direcção a poente, onde aliás deveria funcionar a cozinha pois ainda hoje se pode ver um forno de pedra. Um pouco além está a capela, que originalmente era composta por duas partes, o templo propriamente dito e, ao lado, a sacristia.

Em data também desconhecida, mas talvez na primeira metade do século XX, a sacristia foi unida à casa através da construção de mais um corpo que permitiu uma ligação directa, algo que não era possível ser feito na Idade Moderna pois as Constituições Sinodais de 1647, como já atrás dissemos, não autorizavam uma nenhuma espécie de ligação entre as casas as capelas ao nível do piso térreo. Pela leitura das portas interiores da casa percebe-se facilmente onde termina o edifício antigo e começa o novo.

A capela, não sendo monumental tem, contudo, uma volumetria muito superior à da casa. Percebe-se mesmo que a capela foi pensada como o início de uma nova casa. De um edifício que deveria ter outra forma, outra dimensão bem maior que a que ali se pode ver e que ainda hoje se mantém pois nada mais foi feito. Um olhar rápido mostra-nos a adentação que existe em direcção a nascente, sinal que houve a ideia de puxar a casa um pouco à frente, ao nível da fachada da capela



Mesa de altar do Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

e, também, de a refazer com a sua altura. Ficou a memória da ideia, a obra não seria realizada.

A fachada da capela tem um desenho tradicional, de recorte bastante leve, com fortes ressaibos seiscentistas, sobretudo no desenho da porta principal. A cornija é ondeada e sobrepujada por pilastras e peões, motivo decorativo que também se pode ver sobre a porta. Entre um pequeno óculo polilobado que ilumina a capela e a cruz que encima a linha da empena, está uma pedra de armas com uma moldura curiosa, bonita, bastante florida.

Numa leitura atenta parece-nos ter havido aqui duas intervenções levadas a cabo após a campanha de construção. Uma é a da colocação da pedra de armas, que poderá ser posterior à capela, não só pelo seu excelente desenho – e com uma execução de grande nível – mas também pelo facto de ter sido esculpida num granito muito diferente do que fora utilizado em toda a demais obra. Claro que a escolha da pedra poderá ter sido motivada pela sua qualidade, de grão mais fino, o que permitiria uma maior facilidade ao canteiro pois era muito mais simples de executar. Mas a verdade é que o trabalho brincado desta pedra de armas contrasta totalmente com a rigidez do desenho dos demais elementos decorativos da capela.

A segunda intervenção tem a ver com o óculo. Comece-se por dizer que as molduras desta abertura foram também talhadas numa pedra diferente da que utilizaram na restante fachada, o que não faz nenhum sentido. Olhando com mais cuidado percebe-se que tem um desenho e um talhe mo-

derno. Mais: vendo este óculo do lado interior, nota-se que está muito mal inserido, que foi colocado no espaço possível, em data diferente daquela em que a capela foi construída. Nessa altura tiveram que subir a pedra de armas, colocá-la imediatamente sob a cornija, o que em nada a beneficiou pois mesmo sendo feita num granito de cor bastante diferente não poderia sobressair tanto como antes de ser mudada, em que se destacava sobre a parede branca, caiada. Deve, contudo, dizer-se que esta intervenção é anterior ao ano de 1958, data da publicação do livro de Leonídio de Abreu³⁷.

A colocação deste óculo levou também à elevação do tecto interior da capela, dando assim origem a uma volumetria muitíssimo maior, o que em nada beneficiou o retábulo que por essa razão parece ser demasiado pequeno para o espaço que ocupa.

A porta da entrada é de uma data difícil de definir. É, muito provavelmente, a primitiva. Está ornada com fortes almofadas bem salientes, sobretudo nas partes superior e inferior. E, mais interessante ainda, alguns ornatos de desenho rococó.

Ou seja, é bem possível que a capela tenha sido desenhada por dois dos muitos mestres de pedraria e de carpintaria de certa qualidade que trabalhavam um pouco por todas as freguesias do Minho. É curioso ver que no trabalho da pedra não há nenhum ornato rococó; e que em contrapartida existem alguns, embora pequenos, destes motivos esculpidos na madeira.

Transposta a porta a surpresa é grande. A capela está quase nua, pelo menos é assim que actualmente se apresenta, com a pedra sem reboco. Pouco mais se pode ver que um retábulo de desenho singelo, ladeado por duas “abas” de madeira

37 ABREU, Leonídio de – *História, arte e paisagens do distrito de Braga: Vila Verde*. Braga: Junta Distrital, 1963, p. 24.



Pormenores do Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

quase não trabalhada e ligeiramente curvas que ocupam toda a parede fundeira. Um pouco estranhamente, as cores são simples, (1) leves filetes de ouro colocados quase exclusivamente nos ornatos, (2) branco – um pouco sujo talvez pelo passar dos tempos –, e (3) leves apontamentos de azul na base do retábulo, em dois pontos da mesa de altar e, sobretudo nas falsas colunas adossadas que la-deiam as duas partes laterais do retábulo.

Quando o nosso olhar se prende mais nesta obra, a surpresa é ainda maior. É certo que é singela e que deve ter sido feita com um orçamento bastante curto; mas o desenho é de muito grande qualidade. De tal forma que não pode haver dúvidas sobre quem o concebeu. O seu autor foi com toda a certeza André Soares, um André Soares que já trabalhara para Viana do Castelo e para o Porto e que naquele ano iria também trabalhar para Guimarães, um André Soares já em final de carreira, mas num momento em que ainda estava bem do ponto de vista de saúde, em que ainda não se sentia prejudicado pela doença que o afectou nos derradeiros meses da sua vida. Mais, parece que está aqui a ensaiar novas ideias, novas propostas, novas soluções!

Conforme já dissemos, André Soares tinha um prazer infindo em desenhar. A cabeça dele deveria ferver e a mão sempre disponível para pegar num lápis ou num pau de carvão, e deixá-la a discorrer sobre folhas virgens. O conjunto da talha da capela de São Miguel-o-Anjo, concebido em 1756 e executado em 1761 por Jacinto da Silva, é bem a prova da sua aptidão para o desenho, para o prazer de “riscar”, mesmo sabendo que o seu projecto seria forçosamente simples porque

os donos da obra tinham pouco dinheiro para a mandar executar.

É o que se pode ver neste retábulo. É certo que tem muito mais pormenores decorativos que os que se podem ver naquela capela bracarense. Nela vê-se de um desenho que aposta sobretudo em volumes e não em ornatos, o que foi uma forma inteligente de tornar a obra muito mais acessível porque o orçamento que o encomendante tinha disponível era curto.

Aqui, nesta capela de Santa Rita de Cássia, os volumes ondulados existem, e os motivos decorativos também. Mas não deixa de haver uma grande sobriedade pois os ornatos têm sobretudo uma forma de fitas, raramente existe desenho muito complexo, que se afirme pelo volume e pela linha.

Esta é uma obra que embora seja dos finais da sua vida, se sente que o artista ainda está em pleno processo de criatividade. Pertence a um conjunto de outras três, sendo uma documentada, a do retábulo-mor da capela de Nossa Senhora de Guadalupe (contratado em 4 de Dezembro de 1768), e duas atribuídas, o retábulo da capela dos Monges – que é quanto a nós a sua melhor peça na arte da talha, apesar de ter dimensões muito pequenas –, e o retábulo de Santo António, na capela de Nossa Senhora da Piedade, na Sé Catedral bracarense.

Se olharmos com atenção, se compararmos estas obras, veremos que há bastantes pontos de união entre os três retábulos:

- (1) a ausência de colunas;
- (2) a forma da zona central, do camarim, la-deada por um leve filete saliente envolto por uma trepadeira com flores;



Pormenores do Retábulo da Capela de Santa Rita de Cássia

- (3) as palmas filiformes que ladeiam o início da parte central do retábulo, sobre o entablamento, o que não deixa de lembrar os retábulos da capela dos Monges, de Santo António e de Nossa Senhora de Guadalupe;
- (4) os motivos ondulados, filiformes, que se veem nos cantos da parte superior de dois destes retábulos (Nossa Senhora de Guadalupe e Santo António);
- (5) os motivos em forma de laço com uma rosa entreaberta no centro (retábulo de Santo António); e
- (6) o motivo decorativo que sobrepuja a zona central do camarim, logo abaixo do pináculo central (retábulo de Santo António).

Sendo obras com muitos pontos em comum, são também muito díspares – como igualmente o são, como já vimos, o retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória, na Sé Catedral e o da capela-mor da igreja matriz do Pico de Regalados – mas em que se afirma uma personalidade muito rica, muito própria.

Se nos abstraíssemos da existência das duas pilastras decoradas que ladeiam o retábulo e dos dois revestimentos que estão entre estas pilastras e as partes laterais, criando assim uma peça contínua, quase única, na parede fundeira, se o isolássemos, portanto, veríamos que este retábulo é muito, muito interessante.

Mas estas pilastras e estes dois revestimentos dão-lhe uma personalidade própria, são algo que lhe confere um carácter único no contexto da obra de André Soares. É certo que poderemos filiar aquelas pilastras nas que com-

põe o arco que envolve um crucifixo que se viu pela primeira vez no coro alto do mosteiro de Bostelo (Penafiel) – recentemente descoberto, infelizmente em pedaços –, um tipo de obra que depois iria ser várias vezes copiada por Frei José Vilaça e aplicada em coros altos de outros mosteiros beneditinos.

Mas este tipo de pilastras ladeadas por paredes ligeiramente encurvadas e trabalhadas de forma arquitectónica é algo que o grande Mestre não realizou em nenhum outro local conhecido, algo que existe apenas aqui. No retábulo da capela da Lapa, em Fão, Esposende, já ensaiara a ideia das partes laterais serem ligeiramente curvas; mas o que ali se vê é algo muito diferente do que existe nesta capela, com o acréscimo de duas peças que só aparentemente são autónomas.

Verdadeiro criador de cenários, André Soares incluiu na obra do retábulo estes dois “panos” envolventes, quase nus do ponto de vista decorativo, que nos obrigam a olhar com mais força para a obra principal aqui existente, o retábulo. E, mais ainda para o centro, para a imagem da padroeira Santa Rita de Cássia que estaria colocada na peanha, agora vazia, que encima o sacrário, à frente de um camarim que seria aberto e com uma pintura muito leve no fundo, de forma a não distrair o olhar da peça maior, a figura da santa, da padroeira.

Este conjunto ganharia mais força se o espaço que existe por cima do retábulo e imediatamente contíguo tivesse ainda um céu repleto de anjinhos como existia ainda em 1958, numa pintura que não conseguimos saber se era coeva da data do retábulo porque hoje esse espaço está apenas co-

berto de branco³⁸. Nessa foto vê-se que a imagem que se encontrava no altar representava Nossa Senhora da Conceição (?). Segundo nos informou a actual proprietária, Dr^a Maria João Gagliardini Graça, a imagem foi roubada há alguns anos.

Como curiosidade, assinale-se a palma polilobada que está sobre cada um dos dois “panos” laterais. Se fizermos o exercício de trazer o nosso olhar para a fachada da capela veremos que esse motivo também existe, embora trilobado, na parte central das duas linhas curvas ascendentes que

fecham o frontão existente sobre a porta principal. Ou seja, foi um cumprimento que André Soares endereçou a quem desenhou aquela peça. É um diálogo entre a arquitectura e a talha. E nada mais natural porque mesmo tendo sido realizadas em momentos diferentes, pertencem à mesma obra.

Este retábulo é uma excelente lição de simplicidade! Mais, é uma excelente lição de desenho!!! É, tem de dizer-se, uma obra que nos mostra como um desenho simples pode ter uma imensa qualidade! E sabedoria!

38 Veja-se a fotografia publicada por ABREU, Leonídio de – *História, arte e paisagens do distrito de Braga: Vila Verde*. Braga: Junta Distrital, 1963, p. 24



Pormenor do retábulo-mor da Igreja do Pico de Regalados

André Piff. Soares da Silva

■ CONCLUSÃO

Tanto quanto se sabe, André Soares deixou duas obras em Vila Verde, o concelho onde tinha raízes, em que nascera o seu pai (Parada de Barbudo). Uma é de grandes dimensões, o retábulo-mor da igreja matriz de S. Paio do Pico de Regalados; a outra é muito pequena e é também um retábulo, o que desenhou para a capela de Santa Rita de Cássia, na freguesia de Arcozelo.

Como era seu timbre, são duas obras muito diferentes. Mas são quase contíguas no tempo pois foram ambas concebidas nos anos finais da sua vida, 1768 / 1769;

- (1) o retábulo do Pico pertence a um pequeno grupo em que se incluem mais outros dois. Um é o que está na capela da Freiria, Arcozelo, Ponte de Lima. O outro é o de Nossa Senhora da Boa Memória, na capela de Nossa Senhora da Piedade, na Sé Catedral
- (2) o retábulo da capela de Santa Rita de Cássia, da casa dos Barbosas, Arcozelo, pertence a um grupo a que chamamos “pequenos retábulos”, aonde juntamos três peças, todas em Braga. O mais belo está na capela dos Monges, no convento dos Congregados. O mais simples é o de Santo António; pode ver-se na capela de Nossa Senhora da Piedade, na Sé Catedral. O terceiro é o da capela de Nossa Senhora de Guadalupe.

Enquanto numa obra, a do Pico, ficou bem patente o gosto que André Soares tinha por linhas de

força muito fortes, e por uma volumetria acentuada, na outra, na capela de Arcozelo, deixou correr o seu lirismo, o prazer de desenhar, a alegria de tendo o pau de carvão na mão o poder deixar correr livremente sobre uma folha de papel virgem.

André Soares deveria gostar muito de desenhar! Para ele uma folha em branco, virgem, deveria ser

*Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
Ou como o caderno novo
quando a gente o principia*³⁹

para utilizar aqui, embora num contexto muito, muito diferente, os versos escritos a propósito do maravilhoso prodígio que é o nascimento de uma criança, as belíssimas palavras de João Cabral Melo Neto.

São, sem dúvida, sensações de maravilha que nos enchem a alma quando temos o prazer de olhar para estas duas obras de André Soares, o retábulo-mor da igreja matriz do Pico de Regalados e o retábulo da capela de Santa Rita de Cássia, em Arcozelo. Dois retábulos que ainda hoje podemos ter o prazer de ver em duas freguesias do concelho de Vila Verde!

39 NETO, João Cabral de Melo – *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro, Autor, 1966. Este poema foi originalmente publicado em 1955.



Pormenor do retábulo-mor da Igreja do Pico de Regalados

André P. H. Soares da Silva

■ DOCUMENTOS

IGREJA MATRIZ DE S. PAIO DO PICO DE REGALADOS, VILA VERDE

1747. 3 de Março

Registo Geral, vol. 81, fls. 166-167.

Registo de provisão porque Vossa Alteza Serenissima ha por bem conceder licença para se demolir a igreja de São Paio do Pico de Regalados.

Serenissimo Senhor. Dizem os officiaes do governo de Sam Payo da Pica dos Regalados que motivados do spiritual zello de terem um tempo (sic) decente e com necessidade delle se motivaram a fazer a sua igreja de novo e por não terem as possibilidades necessarias por serem os moradores da dita freguezia pobres recorrem a Vossa Alteza e pella informação que deu o Reverendo Doutor Procurador Geral da Mitra no auto de revista que tudo presenciou foi Vossa Alteza servido concederlhes licença; acudindo a necessidade dos supplicantes para poderem gastar quinhentos mil reis da Confraria do Senhor [e] cem [mil reis da Confraria] da Senhora da dita freguezia o que tudo da petição incluz se mostra que se tem dado principio a dita obra e no que andam mestres [pedreiros] e porque para se demolir a igreja velha anda supposto o cappitulo [de visita] que ha sempre necessidade de licença de Vossa Alteza mas como nella se faz grande despeza e a dita obra se faça das esmolas para as quais he notoria [a] experiencia do grande zello de Vossa Alteza fazendo memoria perpetua nos edificios do Culto Divino como atributo proprio da Magestade de um Principe Ecclesiastico como a dita licença se possa conceder por hum despacho symplex ou por forma que se nam faça tam grande despeza. Pedimos a Vossa Alteza se digne tambem por esmola concederlhe licença por despacho para se demolir a Igreja velha em louvor da Paixam de Nosso Senhor e quando sejam sempre necessarios os mais requerimentos e ordens se passem visto ficar a dita obra em cappitulo como se mostra da certidam junta e recebera merce S Passe provisam de licença na forma do estilo. Guimarães tres de Março de mil setecentos e quarenta, e sete. Dom Joseph Arcebispo Primas. Dom Joseph por merce de Deos e da Santa Se Appostolica Arcebispo e Senhor de Braga primas das Hespanhas... etc. Pelo presente visto o que em sua petição nos representam os supplicantes officiaes da freguezia de Sam Payo da Pica dos Regalados deste nosso arcebispado a respeito de implorandonos a merce de lhe concedermos licença [para demolir] a igreja velha da dita sua freguezia por se ter ja dado principio a Igreja nova por virtude de hum cappitulo de visita a vista do que e do mais que consideramos concedemos licença para que com effeito se possa demolir a dita Igreja aproveitando-se na nova de todo o material della e se fara com toda a perfeicam devida com porta principal para o publico // fól. 167 // Publico sem outra alguma fresta ou Tribuna para casa particular e concluida que seja necessario (sic) de todo o necessario se nos requerera licença para a bencam. E pelo assim haveremos por bem mandamos passar a presente nossa Provisam que depois de ser por nos assignada se registara no Registo Geral desta corte sem o que nam valha. Braga sob nosso signal e sello de nossas armas aos quinze de Maio de mil setecentos e quarenta, e sete...

1751. 7 de Março

Registo Geral, vol. 121, fls. 180-181.

Registo de provisão a favor de Fernando Jacome, Abbade de São Payo do concelho de Regallados

Serenissimo Senhor

Diz Fernando Jacome, Abbade da Igreja de São Payo do concelho de Regallados que na occasião que se benzerão os altares e corpo da ditta Igreja precedendo a licença junta não pedio faculdade para tão bem se benzer o altar e Cappela Mor por não estar ainda finda e porpocionada com o ditto corpo e porquanto esta ja acabada e com sufficiente perfeição e notoria capacidade para nella se celebrem os Officios Divinos e collocar o Santissimo Sacramento o qual por virtude do despacho junto se transferio para diversso sittio como tambem mandou o supplicante fabricar de pedra huma Imagem do glorioso São Payo e collocar em hum nicho da fronteyra da Igreja cuja perfeição evidente mostra estar capas de se lhe dar culto e veneração pello que // fól. 180v *// que pede a Vossa Alteza Real que para mayor honra e accidental gloria de Deus e para que os officios Divinos se celebrem com mais expedição e aceyo se digne dar faculdade para se benzer a ditta cappela e altar e nelle se tornar a collocar o Santissimo Sacramento como tão bem para benzer a dita Imagem e que ja benzida se lhe possa tributar o culto e o obsequios de que he merecedora... Dom Joseph... Pela presente vista a petição retro... e o mais que concideramos lhe concedemos licença para que na forma do ritual romano possa benzer a cappela mor e altar dela dita sua igreja e da mesma sorte benzer a imagem de que trata e transferir o Santissimo Sacramento para o sitio onde antes se achava e benta que seja a dita capella mor e altar dela se possam celebrar os officios divinos...*

1761. 27 de Julho

ADB. Paroquiais de Vila Verde, 448 (Óbitos 3, Pico de Regalados), fls. 76v-78v

Assento de óbito e testamento do padre Fernando Jácome, de São Paio do Pico de Regalados

Fernando Jácome Abbade que foi desta parochial Igreja de Sam Payo da Pica me constou que falecera com todos os sacramentos aos vinte, e sete do mes de Julho do anno de mil setecentos, e sessenta, e hum e, e aos vinte, e oyto do dito mes e anno foy sepultado no meyo da capella mor desta Igreja. Fes seu testamentos in scriptis o quoad Ihe escreveo o reverendo Andre Francisco Ferreira do lugar da Couttada da freguezia de Santa Martha de Panascaes termo da Barca autorizado pelo Tabeliam Ambrosio Pimentel Barbosa, o quoad testamento me foi entregue aberto, e nelle dispos que seu corpo fosse envolto por baixo das vestes clericaes em huma tunica de Sam Francisco e logo por sima revestido com os paramentos que tinha feito, cuja vestimenta he de damasco preto agalado de ouro e depois hum lençol que tinha para esse efeito e que não hera sua vontade ser sepultado em caixão; queria que a sepultura fosse no meyo da capella Mayor desta igreja e queria que por sua // fól. 77 // Por sua alma se Ihe fizesse somente hum officio geral e aos padres que a elle assisticem se lhes daria de esmola a cada hum duzentos, e quarenta reis e casa sua vela de oito a libra e aos que cantace a missa, e fizecem officio da sepultura se lhes daria quatrocentos, e oitenta reis de esmola e vela tambem aos acolitos a quoad vela seria de aratel e aos capitulares se lhes daria a cada hum trezentos reis e vela de meyo aratel, e não era vontade que no dia da sua sepultura se agasalhasse o povo da Freguesia nem de fora e que em satisfação do agasalho se dece no tal dia á cada fogo desta Freguesia duzentos, e quarenta reis e os que viecem de fora da Freguezia acompanhar seu corpo a sepultura, se daria a cada hum sendo de sacramento vinte reis de esmola, e aos menores a cada hum des reis, e queria que no dia da sua sepultura se ornacem os altares com velas decentes, como tambem a assistencia do officio geral; e queria que por sua almas e digam duzentos e cinquenta missas das quais duzentas seriam ditas cem nos altares privilegiadas desta freguezia e que pelas Almas de seos defuntos se diriam duzentos e cinquenta missas todas de esmola de cento, e vinte reis que todas fazem o numero de quinhentas missas; e que todas estas missas seriam ditas dentro do tempo de seis meses pelos Clerigos da Freguezia ou pello Reverendo parochio querendo, e que tinha depositado para missas pela sua alma na mam do sindaco da Ordem de Sam Francisco dos Piedozos da cidade de Braga dezassete moedas cada huma de quatro mil, e oitocentos reis das quais // fól. 77v // cinco moedas seriam para o Conventos de Sam Frutuoso com obrigacam de cem missas e que os religiosos do dito convento no dia que tivessem noticia de seu falecimento fariam sua deprecaçam a Deos por sua Alma como [se] elle fosse religioso da mesma Ordem, e coatro moedas seriam para o Convento de Guimarães da mesma ordem, e quatro para o convento da villa de Barcellos, e quatro para o convento do Monte da Franqueira estas doze missas para se dizerem pelos Religiosos da dita Ordem de esmola cada huma de cento, e vinte reis. E para serviço da Igreja deixou tres tomos = Alma instituída de doutina cristam = á mesma igreja e ao Reverendo Abade seu sucessor seriam entregues vinte moedas de ouro de quatro mil e oitocentos reis cada huma para o que puder succeder a bem desta Igreja; e deixa a Marianna moça solteira sua

ama huma cama aparelhada com os trastes da sua casa elegidos por ella; como também panos e toalhas de meza, e hum traço de pannos havendo tecidos em Falha, duas colheres e dois grafos de prata dos que se uzacem em sua casa. E mais lhe deixa por esmola e bem as obras que lhe tinha feito. E deixou a Luzia filha de João da Sylva da cidade de Braga 100\$000 reis os quais seu Pay não era senhor de gastar mas sim os porá a render em terras ou juros com as seguranças devidas e em direito. E deixou a José seu criado vinte mil reis e as bestas, que houvessem ao tempo do seu falecimento. Deixou á Izabel sua criada dés mil reis. Deixa ao Reverendo Bernardo Ferreira da Freguezia de valoens a guoarda roupa que // fól. 78 // que estava debaixo da estante dos libros e mais lhe deixou para seu serviço, e de seu irmão o Reverendo Patricio Pereira coatro colheres e coatro garfos de prata e duas facas de cabo de prata: e deixou a Antonio Duarte, Joam Ferreira, Jozé Duarte e a Pedro Duarte da Cruz de Pedra da cidade de Braga á cada hum quoaatro mil, e oitocentos reis. Deixou á Joanna Losa e sua irman da cidade de Braga ainda suas consanguinias, cada sua moeda de ouro de quoaatro mil, e oitocentos reis. Deixou á Antonia Jacome sua afilhada da freguezia de Santa Ana de Vimieiro os cento e vinte mil reis que seu Pay lhe era devedor; e que todas as deixas, e legados neste declarados seriam por uma vez somente, e que todos os mais bens que tinha, e outro género os deixava a João da Sylva e aos Reverendo Custodio Gomes de Coura os quais instituhia por seos universaes herdeiros, e testamenteiros e deles Fiava a darem inteira satisfaçam a tudo o assima declarado, e não se continha mais no dito testamento encoanto as substancia. E no authorizamento feito pello tabeliam Ambrosio Pimentel Barbosa declarou elle reverendo testador que as duzentos, e cincoenta missas se dicecem pelas Almas de seus defuntos por esmola de cento e vinte reis, cada huma ditas pelos clerigos desta Freguezia nesta parte declarava e hera sua ultima vontade que estas duzentos, e cincoenta missas pelas almas de seos defuntos as dissessem pela referida esmola, a saber os Reverendos Patricio Ferreira da freguezia de Valons e o dito Andre Francisco Pereira da freguezia de Panascaes, cada hum deles sessenta missas e o Padre Francisco Xavier Pimental desta freguesia de Sam Miguel de Prado quoaarenta, e o Reverendo Francisco da Rocha Antunes da Portella trinta que todas fazem o numero das ditas duzentos, e cincoenta, que todas seriam dentro de seis meses depois do seu falecimento; e em tudo o mais queria vallece como nelle se contem. Declaro que quando cheguei a esta egreja como cura encomendado della, o achei sepultado com testamento aberto. Só sim enformando me mais individualmente me constou não recebera mais que os sacramento da extrema unção e que não recebera os mais por estar de respeito e sem sentidos quoaazi á mais de hum anno; e para constar fiz este assento aos sete dias do mês de Agosto do anno de mil setecentos, e sessenta, e hum.

O Encomendado Bernardo Gomes de Souza

1762. 1 de Abril

Registo Geral, vol. 85, fls. 16-16v

Registo de Provizão porque Vossa Alteza ha por bem fazer merce aos supplicantes de lhe conseder licença para que por tempo de hu, anno possão embargar cappitulo de vezita de que tratão

Serenissimo Senhor

Dizem os offeciaes do Subsidio (sic) // da Confraria // digo da freguezia de São Payo da Piça que hindo o Reverendo Deão de vezita a ditta freguezia lhe deixou o cappitulo de que trata a certidão incluza para se fazerem as obras nella declaradas e porque querem embargar o ditto cappitulo por não haver necessidade das ditas obras, e haverem outras mais preçizas Pedem a Vossa Alteza lhe fassa a grassa de lhe conseder Provizão para poderem embargar o ditto Capitullo na forma do estilo e recebera merce. Passe Provizão por tempo de hum anno. Braga, 18 de Marso de 1762

1754. 9 de Agosto

ADB. Paroquiais de Vila Verde, 448 (Óbitos 3, Pico de Regalados), fls. 76v-78v

[Assento de óbito do Padre Lourenço Jácome, padrinho de André Soares]

O Beneficiado o Reverendo Lourenço Jacome por nam dar lugar a morte com que faleceu nam recebeu os sacramentos, o quoa foi em os nove dias do mes de Agosto de mil, e setecentos e sincoenta, e quatro e foi sepultado nesta igreja aos dez do dito mes e anno de que fiz este assento.

O coadjutor o Padre Antonio de S. Joseph

1754. 9 de Agosto

ADB. Paroquial de Braga (Sé), livro 349, Óbitos 4, fól. 22

[Assento de óbito do padre Lourenço Jácome, padrinho de André Soares]

Aos nove dias do mes de Agosto do anno de mil, e setecentos e sincoenta, e quatro faleceu na freguesia de São Payo de Pica dos Regalados o Reverendo Lourenço Jacome, morador na Rua de São Miguel o Anjo desta freguesia da Se, com os sacramentos constara do Reverendo Parocho daquela freguesia. Não fez testamento, e foi sepultado na dita freguesia de São Payo onde por acaso se achava, erdeiro seu irmão Fernando Jacome Abbade da dita freguesia de São Payo de Pica de que fiz este era ut supra. Constoume que teve officio de corpo presente no die obitus onde foi sepultado, e neste se teve mais dous officios, eu o declarei era ut supra

Ignacio Palhares vigario da Se

**CAPELA DE SANTA RITA DE CÁSSIA,
TAMBÉM CHAMADA CAPELA DOS BARBOSAS, ARCOZELO, VILA VERDE**

1756. 8 de Dezembro

ADB. Registo Geral, vol. 134, fls. 149v-152.

Registo de provisão porque Vossa Senhoria Excellentissima fas merce ao Supplicante lhe dar licença para egerir hua capella na sua quinta com a imbocação de Santa Rita de Cassia.

Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor

Dis o Padre Bernardo Correa Barbosa da freguezia de Sam Thiago de Arcuzzello desta comarca e Arcebisado que a elle supplicante se lhe fes preciso o rezedir na dita freguesia e viver na sua quinta chamada da codessosa aonde com efeito esta morador com suas irmans e sobrinhas hua veuva e as mais donzellas pessoas de distincção recolhidas e de exemplar vida e proçedimento como he constante para o qual efeito edificou ahi casas suficientes para se viver e porque a Igreja da dita freguezia lhe fica em grande distanssia para Poderem hir a ella ouvir missa e tambem por ficar em meio o rio Neiva que he caudaloso de tal sorte que sucedendo haver chuvas principalmente no tempo do Inverno se não pode passar e as vezes pello discurso dos dias estta a paçagem tomada do que tudo lhe resulta hum gravissimo prejuizo e tambem a alguns maes moradores que ficão para a mesma parte que regullarmente ficão nas ditas ocaziõins sem ouvir missa motibo porque a vista de tam urgentte // fól. 150 // de tam urgentte necessidade deseja o suplicante edeficar na mesma sua quinta hua capella com a invocação de Santa Rita de Cassia para a sustentação da qual e fabrica della in perpetuum quer hipotecar bens suficientes e livres sendo vossa senhoria servido conceder-lhe licença para isso do que tambem não rezulta prejuizo algum ao Reverendo Parocho da mesma e assim pede a vossa Senhoria que em atenção as causas alegadas lhe faça merce conceder licença para poder fazer a dita capella e recebera merce // Informe o Reverendo Parocho Braga em Cabbido sede vacante quatro de Septembro de mil e settecentos e sincoenta e seis o chantre. Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor a capella que o suplicante quer egerir e fundar na quinta de codessosa alem de culto e veneração de Santa Ritta de Cacia (sic) lhe he muito precisa pellas rezõins que alega para elle [e] sua família que sam pessoas distintas Recolhidas e de exemplar procedimento poderem oubir miça e tambem para alguns moradores que vivem vizinhos a dita quinta como tambem para desta capella se admenistrar os sacramentos ao suplicante e sua malia (sic) e vezinhos pode ser util quando por causa do inverno ha innundassoes do Rio que sam muitas e se impede as passages para a Igreja Parochial ademenistrar passe ao Referido na verdade vinte e nove de Septembro do anno de mil e cetecentos e sincoenta e seis annos em Sam Thiago de Arcuzello aos pes de Vossa Senhoria o emcomendado o Padre francisco Lopes // Haja vista ao Reverendo Doutor Procurador Geral da Mitra Braga em Cabbido sede vacante de nobenbro cinco de mil e cetecentos e sincoenta e seis o chantre Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor Para dizer sobre o requerimento deve informar primeiro o Paroco se os bens destinados para a fabrica da capella são dizimos a Deos e livres de outra obrigação

como tambem // fól. 150v // como tambem o e o seu rendimento he o que se diz que [é] suficiente para a mesma fabrica Vossa Senhoria mandara o que for Servido. Braga nove de nobembro de mil settecentos e sincoenta e seis Faustino Pereira da Silva. Satisfaça o Reverendo Parocho ao que requer o Reverendo Doutor procurador geral da mitra Braga em Cabbido sede vacante des de Nobembro de mil cettcentose sincoenta e seis. O chantre. Ilustrissimo Senhor Imformandome com pessoas fidedignas achei que as propriedades doadas e dotadas de que fas menção a escritura junta sao dizimas a Deos livres e desembargadas e sem outro onuus pecoalmente as fui ver e lebei comigo João Ferreira e Domingos Fernandes Lavradores e moradores no Lugar do Hospital desta mesma freguezia pessoas de verdade e praticos no valor e rendimento dos Bens de Rais desta Ribeira e achamos que valerão por comum preço quinhentos mil reis e que renderão em cada hum anno livres vinte e sinco mil reis são excellentes propriedades banhadas com o rio Neiva e das mais partes que elle banha he o que vi e achei e julguei com os ditos louvados imformadores que aqui assignarão comigo Vossa Senhoria mandara o que for servido Arcuzello novembro vinte e dois de mil e cetecentos e sincoentta e seis aos pes de Vossa Senhoria o subdito mais favorecido e mais humilde o emcomendado de Arcuzello o Padre Domingos Ferreira de Barros = Domingos Fernandes hua Crus = João Ferreira = Ilustrissimo Senhor Na atenção do que consta do documento junto e informações do Parocho porque se fas constante concorrem os requisitos de sitio conveniente invocação da Santa e forma decentte para a capella e dote competente para a sua sustentação de que se trata na constituição Titulo vinte e tres constituição um. Pode Vossa Senhoria na conformidade desta // fól. 151 // na conformidade desta mandar passar ao supplicante provisão para erecção da capella e quando a haja assim por bem se expedira com as clausulas do estillo. Braga vinte e tres de novembro de mil e setecentos e sincoenta e seis. Faustino Pereira da Silva. Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor da informação do Reverendo Parocho consta o allegado na suplica e resultar grande utilidade a freguesia da ereção da capella que o suplicante pretende erigir e junta a doação dos bens com que a quer dotar de rendimento superior para a sua conservação e assim Pede a Vossa Senhoria seja servido concederlhe a licença pedida e recebera merce Passe provisão na forma costumada para a erecção da dita capella Braga vinte e oito de nobembro de mil e setecentos e sincoenta e seis = Frei Henriques digo Aleixo de Miranda Henriques. Doação que fazem o Padre Bernardo Correa Barbosa e sua Irmam Donna Luiza Pereira de Afonsequa para a fabrica da capella que pertendem fazer. Em nome de Deos... // fls. 151v e 152 // Pella presente vista a petição do suplicante o Padre Bernardo Correa Barbosa da freguezia de São Thiago de Arcozello deste Arcebispado informaçam do Reverendo Parocho da dita freguesia e respostas do Reverendo Dezembargador Procurador Geral da Mitra hei por bem conseder licença para que na sua quinta onde reside possa edificar de novo a capella que declara com a invocação de Santa Rita de Cassia na forma que declara a coal Sem (sic) feita com toda a purificação devida com as portas para o Publico sem que lhe fique algua na caza particular e menos janella fresta ou tribuna e feita que seja requerera licença para a benzer na forma do estillo e por assim o haver por bem lhe mandei passar o presentte que depois de ser por mim assinado se registara no Registo Geral desta corte sem o que não valha. Dada em Braga sob meu sinal e sello desta cortte ao primeiro de Dezembro de mil setecentos e sincoenta e seis annos...

1761. 21 de Janeiro

ADB. Registo Geral, vol. 62, fls. 387-387v.

Registo de Provisão porque Vossa Alteza ha por bem de fazer ao supplicante a merce de lhe conceder licença para que o seu Reverendo Parocho lhe possa benzer a capella de que trata.

Diz o Padre Bernardo Correia Barboza da freguezia de São Thiago de Arcuzello deste Arcebispado Primas que elle erigio e fundou de novo hua capella com a invocação de Santa Rita de Cassia precedendo Lissenca do Reverendo Cabbido sede vacante como consta dos documentos e provisão juntas e como esta acabada e tem os paramentos necessarios para ella se sellebrar Missa Pede a Vossa Alteza se digne mandarlhe passar lissenca para se benzer a dita capella e nella se dizer Missa e recebera merce // Informe o Reverendo Parocho Braga nove de Setembro de 1761. Dom Gaspar Arcebispo Primas Serenissimo Senhor Satisfazendo ao decreto de Vossa Alteza fui eu Joze Cardoso de Meneses cura nesta Igreja de São Thiago de Arcuzello a quinta da codesosa e que e nesta freguezia e vi a capella que ahi se fundou de novo com o titulo da Senhora Santa Rita e a achei acabada como se requer e na forma da Provisão e mais documentos juntos e tem os ornatos necesarios para nella se sellebrar hua e mais Missas E o que posso informar a Vossa Alteza que mandara o que for servido São Thiago de Arcuzello doze de Setembro de 1761 Joze Cardozo de Meneses // Cura // Passe Provisão na forma do estillo Braga vinte e nove de Setembro de 1761. Dom Gaspar Arcebispo Primas // Dom Gaspar por merce de Deos e da Santa // fól. 387v // Santa Se appostolica Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas, etc. Pela presente visto o que em sua petição retro nos representou o Padre Bernardo Correia Barboza da freguezia de São Thiago de Arcuzello deste Arcebispado Primaz informação do Reverendo Parocho e o mais que concideramos lhe fazemos merce a elle dito Reverendo Parocho para que na forma do Ritual Romano possa benzer a capella de que se trata... Dada em Braga sob nosso sinal e sello de nossas armas aos oito de Agosto de 1761...



BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

Arquivo Distrital de Braga

Inquirições de Genere. Pasta 1251, processo 28532

(Padre Fernando Jácome)

Nota de Vila Verde (Pico de Regalados), vol. 378

Paroquial de Braga, livro 349, (Óbitos 4, Sé)

Paroquial de Vila Verde, livro 448 (Óbitos 3, Pico de Regalados),

Registo Geral, vols. 62, 81, 85, 121, 134

Impressos

ABREU, Leonídio – *A Falperra*. Braga: Tip. Pax, 1958.

ABREU, Leonídio de – *História, arte e paisagens do distrito de Braga: Vila Verde*. Braga: Junta Distrital, 1963

ARAÚJO, Maria Marta Lobo – *O Pico de Regalados e a sua população. 1554-1979*. Braga, Universidade do Minho, 1992 (tese de mestrado não publicada)

ARCEBISPADO DE BRAGA – *Constituições synodales do Arcebispado de Braga / ordenadas no anno de 1639. pelo... Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo... Senhor D. João de Sousa*. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, 1697

BASTO, Artur de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artífices e artistas que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal, s/d.;

BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. Vol. 3, 1726-1750*. Porto, S.n, 1986;

BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. Vol. 4, 1751-1775*. Porto, S.n, 1987

BURY, Jonh – *Barroco tardio e rococó no Norte de Por-*

tugal. *Journal of the Society of Architectural Historians*, 15 (3), Out. 1956. Republicado em *Arquitectura e arte colonial no Brasil Colonial*. São Paulo, Nobel, 1991, p. 136-153.

CAPELA, José Viriato – *As freguesias do distrito de Braga nas memórias paroquiais de 1758: A construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: s.e, 2003.

FERREIRA-ALVES, Jaime Joaquim – *Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro. Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 4, 2005, p. 135-153.

KRULL, Ebba – *Franz Xaver Habermann, 1721-1796: ein Augsburger Ornamentist des Rokoko*. Augsburg: Verlag Hieronymus Muhlberger, 1977.

MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *L' image ornementale et la litterature artistique importées du XVI^e au XVIII^e siècle: un patrimoine meconnu des bibliothèques et musées portugais*. Porto: Câmara Municipal, 1983.

MINGUET, Philippe – *Estética del rococó*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1992 (Cuadernos Arte Cátedra, 29).

NETO, João Cabral de Melo – *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro, Autor, 1966.

- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Arquitectura barroca tardía y rococó*. Madrid, Aguilar, 1989.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Os alvares do rococó em Guimarães e outros estudos sobre o barroco e o rococó do Minho*. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 2003.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *André Soares e o rococó do Minho*. 4 vols. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2012. Acessível em <http://hdl.handle.net/10216/62456>
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *André Soares de/by Braga*. Vila Nova de Famalicão, Centro Atlântico, Maio 2014; 2ª ed. Julho 2014 (de col. com Libório Manuel Silva, fotografia).
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Braga. Percursos e memórias de granito e oiro*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A capela de S. Miguel-o-Anjo*. Braga: Irmandade de Nª Sª do Ó, 2006.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre André Soares, o rococó e o tardobarroco no Minho e no Norte de Portugal*, vol. 1. Braga, Autor, 2016.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A Igreja Matriz de Soutelo (Vila Verde)*. “Boletim Cultural. Câmara Municipal de Vila Verde”, Vila Verde, 1, 2005, pp. 257-284.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires – *Minho e Minas Gerais no séc. XVIII*. Braga, Autor, 2016
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – Robert Smith e Braga. In *Robert C. Smith: A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 234-251.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de – *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PEIXOTO, Inácio José – *Memórias particulares de...* Braga: Arquivo Distrital, 1992.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – A propósito de André Soares e do rococó – Nótulas para a revisão de um processo. *Portugália*, Porto, 17-18, 1996-1997, p. 283-292.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – A Capela de Santa Madalena do Monte da Falperra de Braga à luz da documentação notarial. *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 5, 1990, p. 231-269.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R. – Robert Chester Smith: investigador e historiador. In *Robert C. Smith: A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 30-65.
- SEOANE, Julio – *La política moral del Rococó*. Madrid: A. Machado Libros, 2000.
- SERRÃO, Vítor – *História de Arte em Portugal: o Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 2003.
- SMITH, Robert C. – *André Soares. Arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça: escultor beneditino do século XVIII*. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- SMITH, Robert C. – *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.
- SMITH, Robert C. – Três estudos bracarenses. *Belas Artes*, Lisboa, 2ª série, 24/26, 1970, p. 49-83.
- SMITH, Robert C. – A verdadeira história do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, da Igreja de São Domingos, de Viana do Castelo. *Belas Artes*, Lisboa, 2ª série, 23, 1967, p. 19-38.
- TAVARES, Domingos – *Francesco Borromini: dinâmicas de arquitectura*. Porto, Dafne editora, 2004.
- VALENTE, Maria Adelaide – *O sorriso do anjo*. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1996.
- VIEIRA, José Augusto – *O Minho Pittoresco*, vol. 1. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1886

Índice

Prefácio	3
Palavras iniciais.....	5
Vida de André Soares.....	7
Memória crítica de André Soares	15
A arte de André Soares.....	21
Igreja matriz de S. Paio do Pico de Regalados.....	29
Capela de Santa Rita de Cássia, também chamada Capela dos Barbosas.....	47
Conclusão.....	69
Documentos	71
Bibliografia	81



André Pitt. Soares da Silva



Vila Verde
Município

1855 | 2016